

DANIELA BARBETTA GHORAYEB

**HOMOSSEXUALIDADES NA ADOLESCÊNCIA:
Aspectos de saúde mental, qualidade de
vida, religiosidade e identidade psicossocial**

**CAMPINAS
2012**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Ciências Médicas

**HOMOSSEXUALIDADES NA ADOLESCÊNCIA:
Aspectos de saúde mental, qualidade de
vida, religiosidade e identidade psicossocial**

Daniela Barbetta Ghorayeb

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas - UNICAMP para obtenção de título de Doutor em Ciências Médicas, área de concentração em Ciências Biomédicas. Sob orientação do Prof. Dr. Paulo Dalgalarrodo

Campinas, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
ROSANA EVANGELISTA PODEROSO – CRB8/6652
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP

G346h Ghorayeb, Daniela Barbeta, 1976 -
Homossexualidades na adolescência: aspectos de
saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e
identidade psicossocial / Daniela Barbeta Ghorayeb. --
Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Paulo Dalgarrondo.
Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Homossexualidade. 2. Adolescência. 3. Saúde
mental. 4. Discriminação. I. Dalgarrondo, Paulo. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Homosexualities and adolescence: aspects of mental health, quality of life, religiosity and psychosocial identity.

Palavras-chave em inglês:

Homosexuality

Adolescence

Mental health

Discrimination

Área de concentração: Ciências Biomédicas

Titulação: Doutor em Ciências Médicas

Banca examinadora:

Paulo Dalgarrondo [Orientador]

Carmita Helena Najjar Abdo

Erikson Felipe Furtado

Claudio Eduardo Muller Banzato

Egberto Ribeiro Turato

Data da defesa: 23-02-2012

Programa de Pós-Graduação: Ciências Médicas

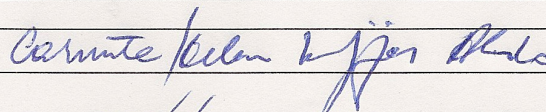
Banca examinadora de Tese de Doutorado

Daniela Barbeta Ghorayeb

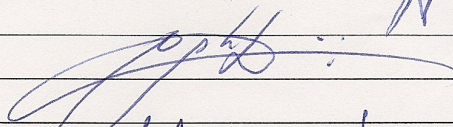
Orientador: Prof. Dr. Paulo Dalgalarondo

Membros:

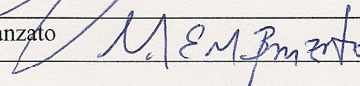
Professor (a) Doutor (a) Carmita Helena Najjar Abdo



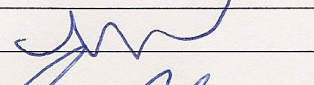
Professor (a) Doutor (a) Erikson Felipe Furtado



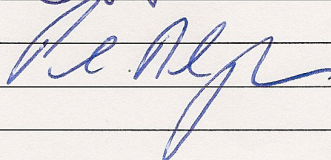
Professor (a) Doutor (a) Claudio Eduardo Muller Banzato



Professor (a) Doutor (a) Egberto Ribeiro Turato



Professor (a) Doutor (a) Paulo Dalgalarondo



Curso de pós-graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 23/02/2012

*Para Camilo Francisco Ghorayeb pela
soma infinita em minha vida.*

*Para os corajosos adolescentes que
participaram desse estudo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por terem cultivado em mim o desejo de descobrir e antes disso, terem me feito acreditar e confiar em mim mesma, através da qualidade do olhar que dedicaram a mim ao longo dos meus primeiros anos de idade (legado fundamental). As minhas irmãs, sempre companheiras queridas e amadas, assim como a minha surpreendente sobrinha adolescente.

Agradeço aos meus riquíssimos Amigos leais que atravessaram comigo momentos de vida realmente decisivos: Leni, Fernando, Karen, Alexandre, Josmeiry, Carreri, Ricardo, Claus e Cookie. Aos meus respeitados analistas, indescritivelmente fundamentais em meu percurso.

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Dalgalarro por sua liberdade, entusiasmo e coragem de trazer um tema como o desta tese para a universidade brasileira. Agradeço a oportunidade de trabalhar com um professor de vanguarda, no sentido de sua capacidade de integração do saber, concebendo os objetos que estuda a partir da complexidade a qual pertencem. Finalmente, agradeço pela confiançaem minha capacidade para a produção acadêmica.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro, imprescindível para o desenvolvimento dessa pesquisa;

O presente estudo foi desenvolvido acerca do tema da homossexualidade na adolescência. Saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial foram as dimensões eleitas para investigação. Como objetivo geral considerou-se a comparação dos resultados do presente estudo com outros internacionais. Como objetivos específicos focou-se na identificação da prevalência de transtornos mentais, avaliação da qualidade de vida em SOHomA e a comparação com SOHetA de mesma faixa etária, gênero e nível educacional, assim como na investigação da religiosidade de SOHomA em comparação com a de SOHetA; na avaliação de dimensões da identidade psicossocial em SOHomA e nas possíveis associações entre qualidade de vida, prevalência de transtornos mentais, religiosidade e identidade psicossocial em SOHomA. O estudo caracteriza-se como quantitativo-qualitativo. O recrutamento dos sujeitos de ambos os grupos ocorreu pelo método “bola de neve”, a partir do qual cada sujeito entrevistado indica outros para as próximas entrevistas, tendo como critério de inclusão a faixa etária de 16 até 22 anos e a auto-identificação dos sujeitos como tendo uma orientação sexual homossexual ou heterossexual. Para a obtenção dos dados relativos à saúde mental, aplicou-se o M.I.N.I (Mini International Neuropsychiatric Interview). 5.0 Plus Versão Brasileira. Tal instrumento consiste em uma entrevista diagnóstica estruturada, a qual investiga os transtornos mentais do eixo I do DSM-IV e CID-10. A investigação sobre qualidade de vida se deu através da aplicação do WHOQOL Abreviado, sendo este um instrumento derivado do WHOQOL 100. Ainda foram investigados dados sócio-demográficos gerais, religiosidade e identidade psicossocial, através da aplicação de questionários semi-abertos desenvolvidos para a obtenção de dados específicos. Os dados quantitativos foram analisados estatisticamente (Chi-Square T-Teste), enquanto aos qualitativos foi aplicada análise temática de conteúdo. Quanto aos

resultados ressaltaram-se a prevalência aumentada de depressão e risco de suicídio nos SOHomA em comparação com os SOHetA; a identificação do “individualismo religioso” nos SOHomA como modo de integrar as identidades homossexual e religiosa; a identificação de processos de construção identitária no SOHomA, os quais não apontaram diferenças entre os gêneros, mas revelaram aspectos da função do grupo social para esses sujeitos e finalmente, a demonstração de associação entre o sentimento de vergonha da orientação homossexual e a prevalência de transtornos mentais. Desse modo foi possível verificar que a presente pesquisa confirma achados de outros estudos realizados nos Estados Unidos e Reino Unido, apesar da diferença do contexto sócio-cultural onde cada pesquisa foi realizada.

Palavras-Chave: Homossexualidade, Adolescência, Saúde mental, Discriminação.

ABEVIATURAS

- SOHom** - sujeitos de orientação homossexual
- SOHet** - sujeitos de orientação heterossexual
- SOHomA** - sujeitos de orientação homossexual adolescentes
- SOHetA** - sujeitos de orientação heterossexual (as abreviações abaixo serão utilizadas apenas na apresentação de resultados, onde é preciso diferenciar o gênero dos sujeitos)
- SOHomAm** - sujeitos de orientação sexual adolescentes masculinos
- SOHomAf** - sujeitos de orientação homossexual adolescentes femininos
- SOHetAm** - sujeitos de orientação heterossexual adolescentes masculinos
- SOHetAf** - sujeitos de orientação heterossexual adolescentes femininos

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Comparação entre os grupos de SOHomA e de SOHetA quanto à Prevalência de Transtornos Mentais e Busca por Serviços de Saúde Mental	63
Tabela 2: Descrição dos quatro status de Qualidade de Vida em ambos os grupos	64
Tabela 3: Comparação entre os SOHomA e SOHetA quanto à Religiosidade	65
Tabela 4: Análise descritiva de algumas das variáveis de Identidade Psicossocial dos SOHomA (não foi identificada diferença significativa relacionada ao gênero)	66
Tabela 5: Associação entre Prevalência de Transtornos Mentais nos SOHomA e o Sentimento de Vergonha quanto à Orientação Sexual	66

RESUMO.....	xi
ABEVIATURAS	xv
LISTA DE TABELAS	xvii
1. INTRODUÇÃO.....	23
1.1 Homossexualidade e Saúde Mental.....	26
1.2 Suporte Social, Qualidade de Vida e Discriminação	28
1.3 Identidade Psicossocial.....	29
1.4 Religiosidade.....	31
1.5 Considerações acerca da Relação entre a Homossexualidade e Saúde Mental.....	33
1.6 Considerações acerca da produção de conhecimento empírico sobre o tema da Adolescência e Homossexualidade na Atualidade	36
2. HIPÓTESES	41
3. OBJETIVOS.....	45
3.1 Objetivo Geral	47
3.2 Objetivos Específicos	47
4. SUJEITOS E MÉTODOS.....	49
4.1 Especificações do tipo de estudo e amostragem	51
4.2 Critério para suspensão ou encerramento da pesquisa	51
4.3 Local da pesquisa	51
4.4 Características gerais da população	51
4.5 Critérios de inclusão e exclusão.....	52
4.6 Métodos/Instrumentos.....	52
4.7 Fontes de obtenção do material de pesquisa.....	54
4.8 Considerações provenientes do Diário de Campo	55
4.9 Descrição da Metodologia de Análise Qualitativa dos dados.....	58

5. RESULTADOS	61
5.1 Apresentação de Resultados Quantitativos	63
5.2 Legenda das Variáveis constantes no banco de dados	67
5.3 Apresentação de Resultados Qualitativos.....	70
5.4 Análises Qualitativas	98
6. DISCUSSÃO.....	109
7. CONCLUSÃO	123
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
ANEXOS.....	139

1. INTRODUÇÃO

Nesse estudo abordou-se o tema das homossexualidades na adolescência, mais especificamente em suas dimensões relativas à saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial no contexto sócio-cultural brasileiro, o que demandou a construção de um percurso científico de desafios particularizados a partir da especificidade e complexidade do objeto de estudo.

Inicialmente, constatou-se a exiguidade, em termos do volume da produção científica específica em psiquiatria sobre o tema no meio brasileiro, restringindo a possibilidade de pautar-se em modelos de estudo prévios, baseados em uma tradição científica no país.

A pesquisa das homossexualidades no meio brasileiro, a partir de outras áreas como a sociologia e a antropologia social é relevante. No entanto, o desenvolvimento desse estudo pautou-se nos pressupostos das ciências da saúde (psiquiatria, psicologia e saúde mental), estabelecendo laços fecundos com as ciências anteriormente citadas.

Assim, foram eleitos autores da psiquiatria, psicologia, medicina social, sociologia e antropologia social. Observaram-se alguns pontos de contato (e de conflito) entre os saberes diversos, o que acentuou o objetivo de produzir conhecimento que contemplasse distintas áreas do saber.

Justificou-se a participação de saberes heterogêneos a partir de quatro fatos mais recentes sobre a homossexualidade: retirada do termo do manual de classificação de transtornos mentais na década de 70 (King e Bartlett, 1990), a visibilidade social crescente, o início e crescimento das chamadas “políticas de identidade” (Silva e Woodward, 2000), através dos movimentos políticos vigentes e a atuação do capitalismo de mercado nesse seguimento social, produzindo consumidores específicos no sistema econômico (Silva, 2000).

Considerando a relação histórica entre a psiquiatria, psicologia e psicanálise e a patologização da homossexualidade (King e Bartlett, 1990), a investigação da dimensão de saúde mental nesta pesquisa apresenta-se potencialmente polêmica. Portanto, este estudo foi realizado de modo cuidadoso e

sensível com relação aos sujeitos participantes, assim como foi priorizada a interlocução das áreas de conhecimento acima citadas, com outras que oferecessem a oportunidade de ampliação das interpretações e discussão dos resultados obtidos.

1.1 Homossexualidade e Saúde Mental

Mc Coll (1994) em artigo de revisão sobre a saúde mental de SOHom de diversas faixas etárias afirmou que os estudos realizados na década de 80, mostraram que a ocorrência de transtornos mostrou-se relacionada com eventos de vida, nos quais havia um contexto social hostil à orientação homossexual.

Segundo Warner e colaboradores (2004) a convivência em um contexto social hostil à orientação homossexual pode representar um fator prejudicial para a saúde mental e a qualidade de vida desses sujeitos.

Assim, um dos aspectos da investigação das homossexualidades, mais recentemente delinea o cruzamento dos temas saúde mental e homossexualidade com uma lógica que tenta superar preconceitos que estavam nas bases das associações formuladas por áreas da ciência desde o início do século XIX.

Em pesquisa original, Paul e colaboradores (2002) identificaram os seguintes dados: de 2.881 homens de orientação homossexual entrevistados, 21% já havia feito planos de suicídio; 12% havia tentado o suicídio, sendo que quase metade desses 12% tiveram múltiplas tentativas. A maioria que tentou suicídio, o fez antes dos 25 anos. Esses dados levaram a constatação de que tais indivíduos apresentavam risco, sendo esse maior no período anterior aos 25 anos. Como conclusão, os autores relacionaram o risco com o fato desses indivíduos viverem num contexto social hostil à homossexualidade.

Vários autores têm se ocupado da investigação sobre a associação entre orientação homossexual na adolescência e a prevalência aumentada de risco de suicídio (Garofalo et al, 1999; Remafedi, 1999; Russell e Joyner, 2001; Rutter e Soucar, 2002). Um estudo recente investigou fatores associados ao risco a partir

de uma amostra de 407 adolescentes de orientação homossexual, dentre os quais 26% referiram tentativas. Identificaram-se alguns fatores gerais associados ao risco de suicídio, dos quais se destacaram a falta de suporte familiar, a prevalência de transtornos mentais (mais comumente depressão) e experiências de preconceito e discriminação (Skegg et al., 2003)

Também foram identificados por Hegna e Wichstrom (2007) fatores específicos relacionados ao risco de comportamentos suicidas. Eles demonstraram aumento do risco de suicídio para a população estudada, sendo estes: relacionamentos heterossexuais prévios instáveis, relações sexuais heterossexuais antes dos 16 anos, ter assumido a orientação homossexual antes dos 15 anos e o isolamento social quanto a outros adolescentes heterossexuais.

A associação específica entre a prevalência de transtornos mentais, assim como de comportamentos de risco em adolescentes e a orientação homossexual tem sido foco frequente de estudos (Frankowski, 2004), sendo destacadas as pesquisas com grupo contraste que demonstram a maior prevalência de transtornos mentais entre os adolescentes de orientação homossexual quando comparados com seus pares (Garofalo et al, 1998; Fergusson et al, 1999; D'augelli, 2002).

Um importante estudo realizado por Warner e colaboradores (2004) investigou a saúde mental de 1285 sujeitos entre 18 e 25 anos, de orientação homossexual, obtendo os seguintes resultados: 43% dos sujeitos apresentaram algum transtorno mental, de acordo com a aplicação do instrumento CIS-R (Revised Clinical Interview Schedule). Dentre esses sujeitos, 31% já tinham tentado o suicídio. Isto foi associado com experiências de discriminação a partir das entrevistas abertas realizadas durante o estudo.

Em consonância com tais pesquisas, algumas investigações sobre auto-mutilação e homossexualidade têm apresentado evidências de maior frequência de auto-mutilação entre sujeitos de orientação homossexual. Skegg et al. (2003) pesquisaram tal associação contando com um grupo de 946 sujeitos, entre 19 e 30 anos de orientação homossexual.

Outros pesquisadores têm produzido resultados que apontam para a relação entre os transtornos mentais e sofrimento emocional, com as experiências de preconceito, discriminação, estigmatização e ausência dos suportes familiar e social para os sujeitos adolescentes e adultos de orientação homossexual pesquisados (Mays e Cochran, 2001; Banks, 2003; Meyer, 2003; Mc Andrew e Warne, 2004).

É possível verificar na literatura revisada a ênfase na dimensão social como fator de impacto sobre a saúde mental dos SOHom(A), o que acentua a demanda por estudos que abordem de modo ampliado o tema das homossexualidades, agregando à pesquisa e à produção de conhecimento a perspectiva das relações dos sujeitos pesquisados com o “campo social”, refletindo sobre seus possíveis desdobramentos (Bourdieu, 1984).

1.2 Suporte Social, Qualidade de Vida e Discriminação

King et al. (2003) apresentaram um estudo comparativo que investigou a qualidade de vida de sujeitos homossexuais em comparação com sujeitos heterossexuais na Inglaterra. Os SOHom obtiveram pontuações que indicaram pior qualidade de vida em relação aos heterossexuais, a partir da aplicação do instrumento GHQ12 (General Health Questionnaire).

Esse estudo evidenciou não apenas uma pior qualidade de vida nos homossexuais com relação aos heterossexuais, mas também encontrou uma associação de pior qualidade de vida com vivências de discriminação.

De acordo com os estudos anteriores Russell e Joyner (2001) destacaram a demanda que adolescentes de orientação homossexual apresentam em termos de serviços de saúde mental. Através de seu estudo demonstraram evidência de que tais adolescentes apresentam maior probabilidade de pensar, ou mesmo de tentar o suicídio, além de apresentar comportamentos de risco, quando comparados com grupo seu controle (heterossexuais).

Nesse sentido, programas que visam melhorar a qualidade de vida de SOHomA têm sido desenvolvidos, como ressaltam Travers e Paoletti (1999). Esses programas visam não apenas a oferta de serviços de saúde mental, mas possuem caráter educacional, trabalhando junto a comunidades onde os adolescentes se inserem.

1.3 Identidade Psicossocial

Tomando-se o conceito de identidade psicossocial difundido por Erikson (1970), destaca-se a relação dialética entre os aspectos individuais e sociais, a partir dos quais a construção identitária de um sujeito se dá. O autor ainda ressaltava tal construção como processo constante ao longo da vida, marcado pelas vicissitudes dos momentos cruciais do desenvolvimento humano.

Ao abordar o tema das homossexualidades partiu-se do conceito de identidade sexual e as categorias que o compõe segundo os autores Shivey e De Cecco, 1997. Nesse sentido, a identidade de gênero é compreendida como a convicção e a sensação íntima, pessoal de um indivíduo de ser homem ou mulher, o que pode ou não estar de acordo com o sexo biológico.

Como outra categoria da identidade sexual, tem-se o papel social, o qual refere-se a comportamentos e funções exercidas pelo indivíduo, associadas a conceitos e representações sociais de masculinidade ou feminilidade. Já a orientação sexual refere-se à preferência sexual, física, estética, sócio-cultural ou afetiva, cuja compreensão impõe facetas como atração sexual, comportamentos, fantasias e preferências emocionais ou sociais. Baseando-se nesse conceito, uma considerável diversidade subjetiva mostra-se presente no termo homossexual (Hartmann, 1990; Therborn, 2006; Eribon, 2008).

Tal diversidade pode ser exemplificada ao considerar-se um contínuum existente entre a homossexualidade e a heterossexualidade, uma vez que um indivíduo pode manter relações afetivas e sexuais com outro indivíduo do sexo oposto, embora tenha fantasias e desejos pelo mesmo sexo (Kinsey et al. 1948;

Krajeski, 1990; Costa, 1995; Isay, 1998). Além disso, a orientação sexual, apesar de para muitos ser vitalícia, pode mudar para alguns sujeitos ao longo do tempo (Kinsey et al. 1953; Krajeski, 1990; Eribon, 2008).

Portanto, a orientação sexual deve ser vista como dinâmica e complexa, assim como a identidade sexual humana. É nesse sentido, que este trabalho traz em seu título a palavra homossexualidade no plural, de modo a não obscurecer ou reduzir o tema através de produções do imaginário social, tais como os estereótipos sociais mais comuns (Kertzner, 1990; Ghorayeb e Dalgarrondo, 2007).

Termos e nomenclaturas como gay, lésbica, homossexual entre outros, descrevem apenas uma dimensão do indivíduo e de sua identidade. A homossexualidade é, portanto, apenas uma parte da identidade sexual individual (Foucault, 1994).

Estudos recentes têm reconhecido a relação entre a construção da identidade psicossocial (a qual inclui a identidade sexual) e a saúde mental de adolescentes de orientação homossexual. Tais estudos demonstraram possíveis associações entre aspectos do processo de construção identitária de SOHomA e a prevalência de transtornos mentais nesta população (Frankowski, 2004; Williams, 2004; Meckler et al, 2006; Remafedi, 2006; Elze, 2007)

Wilson, 1999 e D'augelli, 2005 apresentaram pesquisas que privilegiaram alguns dos aspectos do processo de revelação da orientação homossexual de adolescentes dentro de suas famílias e grupos sociais. A homofobia apresentou-se como presente em reações negativas dirigidas aos SOHomA.

Desta forma, os pesquisadores apontaram para a necessidade de intervenções junto aos familiares com os quais é compartilhada a orientação homossexual, uma vez que pesquisas têm demonstrado que o suporte familiar pode funcionar como fator positivo aos SOHomA quando discriminados em seu meio social (Cochran et al, 2002; Hegna e Wichstrom, 2007; Ryan, et al, 2009).

Nesse sentido, um estudo recente destacou o compartilhamento da orientação homossexual como um aspecto vital do processo de desenvolvimento da identidade de SOHomA. Porém, enquanto esse compartilhamento pode ser fonte de bem-estar e de fortalecimento de vínculos afetivos, por outro lado, pode ser um sério fator estressor com conseqüências potencialmente negativas (Isay, 1998; Hegna e Wichstrom, 2007; Ryan, et al, 2009).

Por outro lado, Poteat e Espelage (2007) realizaram uma pesquisa que investigou algumas conseqüências da homofobia em aspectos psicossociais de estudantes de ensino médio durante o período de um ano. Os resultados sugeriram que o fato de terem sido alvo de homofobia trouxe impactos significativos aos SOHomA, em termos de bem estar psicológico e social. Nesse sentido, os autores identificaram a necessidade de intervenções educacionais quanto à diversidade sexual no meio escolar, como tentativa de minimizar preconceitos e a homofobia.

1.4 Religiosidade

Faz-se relevante destacar a escassez de estudos que investigaram a religiosidade de adolescentes de orientação homossexual e mais além, os impactos de conflitos entre a religiosidade e a homossexualidade e seus possíveis desdobramentos sobre a identidade psicossocial, a saúde mental e qualidade de vida de SOHomA.

No trabalho “Orientação Religiosa e Atitudes Relacionadas à Homossexualidade”, Griffiths et al. (2001) relatam os dados de avaliação de 158 sujeitos de diferentes denominações religiosas sobre as atitudes dos mesmos em relação a indivíduos de orientação homossexual. Verificou-se uma atitude de condenação relacionada à homossexualidade, principalmente quando essa orientação era supostamente assumida pelo líder religioso.

Quanto à experiência de religiosidade de SOHom é válido compreender as formas ou tentativas de resolução do conflito vivido por esses sujeitos. Wilcox

(2002) investigou detalhadamente o que tem sido denominado “individualismo religioso” entre lésbicas, gays, bissexuais e transexuais cristãos.

Tal investigação se deu a partir de entrevistas com 34 mulheres (sendo 32 lésbicas e 2 transexuais) e 38 homens (sendo 34 gays e 4 bissexuais). Os sujeitos faziam parte da UFMCC (*Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches*), denominação cristã frequentada por gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. O objetivo do estudo foi conhecer as formas de religiosidade dos sujeitos, pressupondo a incompatibilidade entre a orientação sexual e os valores cristãos.

O estudo formula o “individualismo religioso” como uma religiosidade seletiva, na qual apenas são incluídos valores religiosos não conflitantes com as questões individuais dos sujeitos, caracterizando-se como uma estratégia de integração entre as identidades sexual e religiosa.

Desta forma, o “individualismo religioso” é tomado como estratégia de negociação identitária. Pressupondo a flexibilidade e criatividade dos sujeitos em um processo de subjetivação, elaboração e re-significação da religiosidade (Marty, 1998).

A religiosidade seletiva mencionada anteriormente remete aos estudos de Lynn Dufour (2000). O termo “*sifting*” (“peneirar”, “joeirar”) foi utilizado por ele para descrever o processo de “negociação identitária” de feministas judias.

O autor identificou três tipos de identidade: inclusionista (em que o indivíduo inclui os preceitos religiosos em seu modo de conceber o mundo e a si mesmo), transformadora (em que o indivíduo transforma o discurso religioso, opondo-se aos dogmas) e reinterpretativa (em que o indivíduo atribui significados pessoais, e outros compartilhados pelo grupo minoritário aos valores religiosos). As modalidades anteriores também foram consideradas por Melissa Wilcox (2002) em seus estudos.

Wilcox (2003) verificou a presença da concepção essencialista da homossexualidade nos sujeitos que pesquisou. Isto significa a crença de que a

orientação homossexual é pré-determinada antes do nascimento, a partir de uma visão científica, baseada na genética humana. O essencialismo também é justificado pelo criacionismo religioso (Wilcox, 2003).

Portanto, as crenças essencialistas sobre a homossexualidade funcionam como um modo de livrar os SOHom do sentimento de culpa por viverem um suposto pecado perante seu grupo religioso (Wilcox, 2003). Em última análise, a gênese essencialista livra os sujeitos dos desdobramentos em termos subjetivos das posições sexuais assumidas. Mais além, o essencialismo pode fortalecer a reivindicação política de SOHom por direitos civis, por parecer mais fácil a aceitação da homossexualidade sendo esta algo dado a priori aos sujeitos.

1.5 Considerações acerca da Relação entre a Homossexualidade e Saúde Mental

O modo como a homossexualidade encontra-se representada no imaginário social, na atualidade, decorre de um percurso histórico marcado por questões religiosas, médicas e legais (Costa, 1995). As práticas sexuais sem fins procriativos não despertaram a atenção das instituições religiosas antes do século XII. No entanto, a partir de textos religiosos cristãos, os atos sexuais que não objetivassem a procriação eram considerados abomináveis.

Em decorrência, as práticas homossexuais foram condenadas, caracterizadas como “anti-naturais”. A partir da disseminação dessas condenações pelo poder religioso cristão, houve a incorporação das mesmas pelo poder legal. Tal fato levou à criação de punições específicas para cada prática sexual “anti-natural”, chegando a condenações a morte. Assim se deu a criminalização da homossexualidade, o que simultaneamente a relacionava não apenas ao pecado, mas à marginalidade e a delinquência.

Nesse sentido, a associação entre desvio de caráter, perversão e as práticas homossexuais, tornou-se inevitável (Barbero, 2005). Quando tal associação se tornou consistente no imaginário social, concomitantemente,

desenvolveu-se uma abordagem essencialista da homossexualidade. O essencialismo passou assim, a representar o “sujeito homossexual” (no sentido da identidade basear-se apenas na homossexualidade), que considerado uma aberração, era provido de características degradantes.

Até então a homossexualidade estava sob o julgo religioso e jurídico, embora o desenvolvimento científico já reivindicasse poder sobre o conhecimento que desenvolvia acerca da sexualidade humana. Posteriormente, apenas ao final do século XIX a homossexualidade tornou-se objeto de estudos e produção de conhecimento médico (Costa, 1995; Barbero, 2005). Considerada uma patologia da sexualidade, a ideia de imoralidade foi colocada em questão. Como exemplo, na “*Psychopathia Sexualis*”, Richard von Krafft-Ebing descreveu a homossexualidade como doença degenerativa (Krafft-Ebing, 1886).

Quanto à psicanálise, Sigmund Freud levou em conta as relações homossexuais em seus estudos e produções, de forma a discordar da relação entre homossexualidade e patologia da degeneração, assim como Havelock Ellis em 1901 (Jones, 1979).

A partir dos “Três ensaios sobre a teoria de sexualidade infantil” em 1905, a sexualidade infantil foi tomada como bissexual, sendo definida ao longo do desenvolvimento do sujeito. Porém, a visão freudiana não se manteve ao longo dos anos, tendo a psicanálise concebido a homossexualidade como um desvio incluído nas chamadas “perversões sexuais”, decorrente de relações patológicas entre o sujeito e seus pais, ou mesmo de neuroses desenvolvidas na fase do Complexo de Édipo (Roudinesco, 2002).

Apesar da disseminação dos conceitos psicanalíticos na cultura em geral e especificamente na psiquiatria, afirmações, explicações ou categorizações sobre a homossexualidade não puderam ser generalizadas, uma vez que os construtos teóricos foram baseados em suposições, que resultavam do trabalho com pacientes em análise.

Desta forma, o viés da clientela da clínica psicanalítica ainda pôde se somar ao fato de que alguns dos pacientes em análise estivessem medicados por psiquiatras na época em que psicanalistas pós-freudianos teorizaram sobre a homossexualidade e as perversões da sexualidade. Como outro viés, havia a ausência de um método de pesquisa empírica. Desse modo, tornou-se inviável fazer afirmações universais sobre pessoas de orientação homossexual a partir da psicanálise da época (Barbero, 2005).

Considerando a importância das pesquisas empíricas, Alfred Kinsey e seus colaboradores (1948 e 1953), desenvolveram estudos sobre a sexualidade da população americana, partindo de escala contínua de orientação sexual ao longo da vida. Seus resultados surpreenderam por demonstrar porcentagens consideráveis de pessoas que já relataram ter vivido relacionamentos homossexuais ou que identificavam-se como homossexuais em algum período da vida.

Estudos posteriores como o de Evelyn Hooker em 1957 (Isay, 1998), buscaram produzir conhecimento empírico, através de métodos conhecidos no intuito de demonstrar que o funcionamento mental de sujeitos homossexuais não diferia do dos heterossexuais.

As discussões sobre a classificação diagnóstica da homossexualidade somada à reivindicações sociais levaram à mudanças na formulação do DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) em 1973. Tais reivindicações derivavam de grupos ativistas, nos quais estavam incluídos alguns psiquiatras (Isay, 1998).

Em 1980, com a criação do DSM-III foi incluída a homossexualidade ego distônica, provocando discussões políticas sobre tal inclusão, tomando-a como estratégia diplomática frente às discordâncias dentro da APA (American Psychiatric Association). Em 1986 essa categoria diagnóstica foi totalmente retirada, constando apenas Desordem Sexual Sem Outra Especificação (Fray, 1998).

De forma mais direta e consistente, a partir do DSM-IV intensificaram-se as ações na área da saúde mental no sentido de minimizar estigmas e preconceitos quanto à homossexualidade. Concomitantemente, outros modelos de pesquisa se desenvolveram incluindo dimensões sociais nas experiências de sujeitos homossexuais.

As transformações nas classificações diagnósticas, atualmente podem ser identificadas como cruciais na história da abordagem da homossexualidade pela psiquiatria na atualidade. A compreensão do tema ampliou-se, uma vez que, por exemplo, descobrir-se homossexual, numa sociedade prevalentemente heterossexual, impõe ao menos uma fase de ego distonia.

Ao mesmo tempo em que a auto-estima de sujeitos de orientação homossexual pode ser prejudicada tanto por uma fase ego-distônica, quanto pela internalização da homofobia pelo SOHom, assim como a rejeição familiar pode ser um fator de risco para sua saúde mental.

Portanto, embora no Brasil e na América Latina ainda não exista uma tradição de pesquisa sobre a homossexualidade na psiquiatria, em países como Estados Unidos e Inglaterra a relação entre saúde mental e orientação homossexual tem resultado em conhecimento fundamental para a formação de profissionais da saúde (Mc Coll et al, 1994; Russel e Joyner, 2001; Paul et al, 2002; Skegg et al 2003; Frankowski, 2004; Warner et al, 2004; Meckler et al, 2006; Elze, 2007; Wichstrom, 2007; Busseri et al, 2008; Ryan et al, 2009; Berlan et al, 2010; Saewyc, 2011).

1.6 Considerações acerca da produção de conhecimento empírico sobre o tema da Adolescência e Homossexualidade na Atualidade

Ao longo dos últimos dez anos houve um aumento do número de pesquisas sobre o desenvolvimento da orientação sexual na adolescência, incluindo dimensões sociais, de qualidade de vida e de saúde mental, ampliando o

conhecimento de minorias sexuais, partindo de contextos sócio-culturais específicos (Saewyc, 2011).

Apesar de muitos dos estudos terem sido realizados no Estados Unidos e Europa, o tema também tem sido investigado por países da América Latina e Ásia (Saewyc, 2011). Nesse sentido, o desenvolvimento de meios de intervenção nas áreas de saúde e educacional tem acompanhado essas pesquisas, em busca de oferecer condições favoráveis de desenvolvimento para os adolescentes dessas minorias sexuais.

Os estudos baseados em populações específicas em termos sócio-culturais têm demonstrado que há muitas variações nas experiências de vida quanto à orientação sexual dos SOHomA, ressaltando percursos pessoais distintos para cada sujeito ao longo dessa fase do desenvolvimento (Fleming, 2007 e Austin, 2008).

Desse modo, o crescimento do número de pesquisas qualitativas, privilegiando os processos psicodinâmicos presentes na adolescência dessas minorias tornou-se evidente, fortalecendo a tentativa de erradicar estigmas e preconceitos advindos de generalizações e ideias essencialistas sobre a homossexualidade em geral.

Ainda são escassos os estudos longitudinais para que afirmações sobre as minorias sexuais adolescentes sejam formuladas. No entanto, a existência de tais investigações garante o acompanhamento de um mesmo grupo submetido aos mesmos instrumentos e métodos, potencializando a força dos resultados.

Assim como na presente pesquisa, os critérios de inclusão dos sujeitos e a determinação da orientação sexual destes criam uma questão controversa, uma vez que não é possível um consenso da definição de orientação sexual no meio acadêmico.

Considerando esse fato, alguns estudiosos trabalham a medição da orientação a partir do comportamento dos sujeitos, outros a partir das categorias gay, lésbica e bissexual (Floyd e Stein, 2002; Busseri et al, 2008).

Contudo, apesar da constante sofisticação dos instrumentos utilizados, as respostas dos sujeitos passam por uma variedade de interpretações que estes fazem de seus comportamentos, sentimentos ou fantasias. Por isso, algumas pesquisas baseiam-se na auto-identificação dos SOHom quanto à orientação (Friedman et al, 2004; Ghorayeb e Dalgarrondo, 2007).

Porém, ainda assim os sujeitos pesquisados são interpelados pelo termo orientação sexual, que amplamente utilizado no meio acadêmico e na cultura em geral, já pressupõe categorias e modalidades da sexualidade (Savin-Williams e Ream, 2007).

A discussão sobre o uso desse termo inclui a dimensão política do combate ao preconceito às minorias sexuais, pois alguns pesquisadores consideram a ideia de que a auto-identificação dos sujeitos funciona como uma “auto-rotulação” e por isso, não pode ser confiável para a medição da orientação sexual (Saewyc et al, 2004).

Pode-se então supor que todos os modos de medição da orientação sexual estarão comprometidos em algum aspecto, caso os estudos sobre o tema busquem isolar seu objeto do meio que o constitui, a cultura. Desta forma, o desenvolvimento de métodos e instrumentos mais confiáveis contará com a natureza do objeto em questão.

Além das dificuldades metodológicas nesses estudos, outra questão tem sido examinada. A consistência da orientação sexual ao longo da adolescência, considerando as particularidades desta fase do desenvolvimento biopsicossocial, tem sido estudada levando-se em conta o contexto sócio-cultural atual (Russel et al, 2009).

Hammack (2009) e outros pesquisadores que trabalharam sobre a consistência da orientação em adolescentes ressaltaram a suposição de uma geração “pós-gay”, que além de recusar os rótulos quanto à orientação, parecem vivenciar a sexualidade de modo fluido, ou seja, esses sujeitos parecem

descentralizar a definição de sua identidade sexual de sua identidade psicossocial como um todo.

Levando-se em conta o contexto cultural atual, supõe-se que a visibilidade de representações positivas da homossexualidade, através dos movimentos políticos e das leis que reconhecem a união homossexual em diversos países, facilitou a inclusão das relações entre sujeitos do mesmo sexo biológico nas possibilidades de experiências de sua sexualidade, sem a compulsoriedade da auto-identificação (Ghorayeb e Dalgarrondo, 2007).

As pesquisas que investigaram a prevalência de transtornos mentais em SOHomA na última década chegaram a resultados semelhantes quanto ao aumento desta última em SOHomA. Estudos realizados em diversos países, através de distintos modos de amostragem, identificaram a maior prevalência de depressão e risco de suicídio nos grupos investigados (Borowsky, Irlanda, e Resnick, 2001; Wichstrom e Hegna, 2003; Le Brun, Robinson, Warren, e Watson, 2004; Eskin, Kaynak- Demir, e Demir, 2005; Fleming, Merry, Robinson, Denny, e Watson, 2007; Almeida, Johnson, Corliss, Molnar, e Azrael, 2009; Poon e Saewyc, 2009; Coker et al, 2010; Ghorayeb e Dalgarrondo, 2010).

De modo geral os resultados têm sido associados a fatores de risco como experiências de preconceito, violência relacionada à orientação homossexual e rejeição familiar (Saewyk et al 2006).

Estudos que avaliem a eficácia de intervenções em espaços de convívio cotidiano de SOHomA ainda são escassos, assim como programas educativos e de acesso a cuidados em saúde mental para essa população.

No entanto, as intervenções existentes têm se baseado em políticas anti-homofóbicas em escolas e universidades, assim como maior acesso à orientação psicológica e psicoterapia para os adolescentes e suas famílias (Birkitt et al 2009; Saewyk et al 2009).

2. HIPÓTESES

- Os SOHomA apresentam pior saúde mental quando comparados aos SOHetA de mesma faixa etária, gênero e escolaridade;
- Há associação entre a pior saúde mental dos SOHomA e o sentimento de vergonha quanto à orientação;
- Os SOHomA lançam mão de estratégias de integração identitária como o “individualismo religioso” ao vivenciarem experiências relativas à religiosidade;
- As experiências de preconceito e discriminação social têm impacto sobre a construção da identidade psicossocial dos SOHomA, o que pode apontar para impactos também sobre a saúde mental desses sujeitos.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Investigar a prevalência de transtornos mentais e a qualidade de vida em SOHomA e compara-las com as de SOHetA de mesma faixa etária, gênero e nível educacional.

3.2 Objetivos Específicos

- Investigação de algumas dimensões da identidade psicossocial em SOHomA;
- Investigação da religiosidade em SOHomA comparando com a de SOHetA;
- Verificação das relações entre qualidade de vida, prevalência de transtornos mentais, religiosidade e identidade psicossocial em SOHomA.

4. SUJEITOS E MÉTODOS

4.1 Especificações do tipo de estudo e amostragem

Esta pesquisa utilizou-se de métodos quantitativos e qualitativos. Primeiramente, foram constituídos o grupo de estudo e o seu controle, isto é, os SOHomA integraram o grupo de estudo e o grupo controle foi composto por SOHetA. Este último foi pareado ao grupo de estudo de acordo com a idade, gênero e escolaridade. Para o recrutamento dos sujeitos de ambos os grupos utilizou-se o método “bola de neve”, a partir do qual cada sujeito entrevistado indicou outros para as próximas entrevistas, o que facilitou o acesso aos sujeitos de orientação homossexual, dada a presente questão do preconceito social.

4.2 Critério para suspensão ou encerramento da pesquisa

Como critério elegeu-se a observação e constatação de que a participação dos sujeitos no estudo pudesse ser relacionada a prejuízos psicológicos, estes associados à abordagem da orientação sexual durante a coleta de dados.

4.3 Local da pesquisa

A coleta se deu através de entrevista individual em locais de escolha dos próprios sujeitos. Por se tratar de tema que envolve particularidades subjetivas, constituiu-se como vantagem para a coleta de dados, que os sujeitos pudessem escolher o local de entrevista onde se sentiriam mais confortáveis.

4.4 Características gerais da população

A população estudada foi composta pelo grupo de estudo (n=40) em comparação com o grupo controle (n=40). A faixa etária foi dos 16 aos 21 anos.

4.5 Critérios de inclusão e exclusão

Como critério de inclusão os sujeitos deveriam ter de 16 até 22 anos e se identificar como tendo uma orientação sexual homossexual ou heterossexual, uma vez que este estudo considerou a orientação sexual a partir da auto-identificação dos sujeitos, não havendo a necessidade de considerar-se como dado fundamental o comportamento sexual. Como critério de exclusão considerou-se a identificação, a partir da realização da entrevista individual, de inteligência limítrofe ou presença de transtorno mental grave que inviabilizasse a utilização dos dados coletados.

(A pesquisa não incluiu sujeitos de orientação bissexual)

4.6 Métodos/Instrumentos

Para a obtenção dos dados relativos à saúde mental, aplicou-se o M.I.N.I (Mini International Neuropsychiatric Interview). 5.0 Plus Versão Brasileira. O instrumento consiste em uma entrevista diagnóstica estruturada, a qual investiga os transtornos mentais do eixo I do DSM-IV e CID-10, tendo sido validada com relação à Structure Clinical Interview for DSM Diagnoses (SCID-P) e Composite International Diagnostic Interview for CID-10 (CIDI).

A investigação sobre qualidade de vida se deu através da aplicação do WHOQOL Abreviado. Este instrumento é derivado do WHOQOL 100, e foi desenvolvido para pesquisas sobre qualidade geral de vida e saúde. Foram investigados dados sócio-demográficos gerais, religiosidade e identidade psicossocial, através da aplicação de questionários semi-abertos, desenvolvidos para a obtenção de dados específicos.

Foram realizadas oito entrevistas piloto, sendo esta amostra composta por dois SOHomA do gênero feminino, um SOHetA do mesmo gênero, três SOHomA do gênero masculino e dois SOHetA do mesmo gênero. Esses sujeitos não foram incluídos na amostra final estudada nesta pesquisa.

A fase piloto do estudo objetivou verificar a necessidade de modificações nas questões da entrevista, a relevância daquelas contidas nos questionários semi-abertos, considerando a faixa etária da amostra, além de testar a ordem de aplicação dos instrumentos, em termos da eficácia para a criação de atmosfera favorável à investigação em curso. O estudo piloto também propiciou percepções relevantes quanto a abordagem dos sujeitos da amostra, no sentido do contato interpessoal.

A aplicação dos instrumentos foi realizada em sequência específica (dados sócio-demográficos, qualidade de vida, religiosidade, saúde mental e identidade psicossocial), propiciando gradativamente ao entrevistado e entrevistador, a interação mais adequada possível. Todas as entrevistas foram realizadas pela mesma pesquisadora.

Pontua-se que a situação de entrevista pressupõe manejo adequado quanto à condução por parte do entrevistador, o qual no caso possuía formação profissional em psicologia, além de contar com experiência clínica (psicoterápica). O manejo diferenciado se justifica pela natureza do tema abordado, por se tratar de informações confidenciais e possíveis revelações subjetivas.

Nesse sentido, além de ser assegurado ao entrevistado o sigilo das informações e o anonimato quanto à participação na pesquisa, também foram tratados com clareza o termo de livre consentimento esclarecido e as instruções e orientações quanto ao enquadre da entrevista. Sempre que foi identificado pela entrevistadora, durante a aplicação dos instrumentos, que a continuidade da entrevista poderia ser prejudicial ao entrevistado, esta foi interrompida.

As entrevistas com os SOHomA e os SOHetA pareados ocorreram de modo intercalado, ou seja, sempre que um sujeito do grupo de estudo era entrevistado era também priorizada, em seguida, a entrevista com seu controle. Esse procedimento mostrou-se eficiente no estudo anteriormente realizado e no presente, uma vez que propiciou ao pesquisador o contato comparativo com os pares de ambos os grupos, contribuindo para as análises posteriores dos dados e para as construções das interpretações correspondentes.

Além da realização de entrevistas, utilizou-se de observação participante em ambientes de entretenimento onde os SOHomA e os SOHetA frequentavam. A utilização desse método privilegiou a observação de aspectos de convivência social, assim como a apreensão de valores, modos de relação e funcionamento em geral desses grupos.

Os dados coletados foram registrados, ao longo da pesquisa de campo, no banco do programa estatístico SPSS (versão 7.5), onde foram criadas as variáveis de cada dimensão investigada. Posteriormente, os dados foram tratadas estatisticamente, considerando a significância para os testes estatísticos a partir de 5%.

Como a entrevista também envolveu a aplicação de questionários semi-abertos, as respostas obtidas foram transcritas na íntegra, formando posteriormente o “corpo narrativo” do estudo, isto é, o material qualitativo a ser analisado. O tratamento das narrativas se deu pelo método de “análise temática de conteúdo”. **(As entrevistas não foram gravadas, as informações dadas pelos entrevistados, foram transcritas pela pesquisadora no mesmo momento da entrevista).**

4.7 Fontes de obtenção do material de pesquisa

Tomando-se O “snowball sampling” como método de recrutamento, os primeiros sujeitos a serem entrevistados eram de contato prévio da própria pesquisadora. De outubro de 2008 até abril de 2010 o foco da pesquisa foi a coleta intensiva de dados. Para isso foram realizadas 102 entrevistas individuais. A amostra final foi composta por 40 SOHomA (20 do gênero masculino e 20 do feminino), pareados por gênero, idade e escolaridade com mais 40 SOHetA, somando o n de 80 sujeitos. A não inclusão de 22 sujeitos entrevistados se deu por inconsistência das respostas na avaliação de saúde mental e das respostas quanto à orientação sexual.

4.8 Considerações provenientes do Diário de Campo

Aspectos privilegiados no diário de campo

O compromisso com a criação do diário nessa fase da pesquisa, quando já é possível a obtenção de resultados, teve função fundamental na interpretação dos mesmos e na formulação de questões que foram abordadas a partir dos resultados qualitativos.

O contato com os sujeitos permitiu o aprofundamento de conceitos teóricos sobre o desenvolvimento biopsicossexual do adolescente. Tal contato também suscitou questionamentos sobre o impacto de aspectos sócio-culturais na formação identitária adolescente na atualidade. Diversos elementos como a mídia e a “virtualização” das relações interpessoais foram identificados como presentes em tal formação.

As informações e reflexões contidas no diário mostraram utilidade nas análises dos dados da dissertação de mestrado da pesquisadora, a qual abordou o mesmo tema da presente pesquisa, sendo os sujeitos estudados em idade adulta.

Fatos e percepções ao longo dos contatos com os entrevistados

Os sujeitos demonstraram a relevância do contato virtual. Muitas das entrevistas só foram agendadas após contato por MSN e e-mail. Nesse sentido, a internet pareceu ser um meio legítimo e protegido para os SOHomA que participaram do estudo. É possível que o contato virtual para os homossexuais seja considerado até mesmo uma preferência.

Os discursos dos SOHomA sobre a orientação sexual mostraram-se bem menos marcados pelo impacto do preconceito oriundo do meio social, mas sim daquele que existe dentro de seus grupos familiares. Supõe-se que tanto o crescimento da visibilidade homossexual nos cenários sócio-econômico e cultural, quanto o reconhecimento das uniões homossexuais pelo sistema judicial, tenham amenizado os prejuízos na vida social dos SOHomA pesquisados.

Porém, foram destacados nas narrativas, os conflitos quanto à orientação sexual no âmbito familiar, o que resultou, em alguns casos, na ausência de suporte familiar aos adolescentes, levando-os a diferentes níveis de sofrimento mental.

Especificidades da amostra

O processo de constituição da amostra foi marcado pela dificuldade de encontrar SOHomA do gênero feminino para as entrevistas. Um dos fatos foi a não auto-identificação das garotas como tendo uma orientação sexual homossexual. Embora afirmassem manter relacionamentos amorosos com outras garotas, não se consideravam homossexuais, pois também se relacionavam com garotos.

De 12 garotas entrevistadas, que não foram incluídas na amostra final, 4 identificaram-se como tendo uma orientação sexual bissexual. As demais afirmaram não saber ainda como definir sua orientação. Situação similar ocorreu com 7 garotos entrevistados e não incluídos na amostra. Destes, 3 definiram-se como bissexuais e o restante não se definiu.

Diferentemente da constituição da amostra obtida para a dissertação de mestrado da pesquisadora (51% de mulheres e 49% de homens), este estudo, até certo momento, obteve amostra de 75% de homens e 25% de mulheres. O recrutamento de garotas de orientação homossexual mostrou-se lento, pois as entrevistadas não tinham indicações de outras garotas para a continuidade do estudo.

Assim, no primeiro período da coleta de dados, a diferença entre o número de sujeitos de cada gênero tornou-se um problema para a realização das análises estatísticas posteriores que fossem comparar os gêneros. Identificou-se a necessidade de obter mais sujeitos do gênero feminino, através do encerramento das entrevistas com garotos e da continuidade do recrutamento apenas de garotas até que o n dos dois gêneros se equiparasse.

A dificuldade de recrutar SOHomA do gênero feminino nessa pesquisa pode ser compreendida a partir do estudo de Abdo, 2004, que revela a porcentagem de mulheres homossexuais como inferior a de homens homossexuais no contexto sócio-cultural brasileiro.

Além deste dado, os resultados da pesquisa anterior (mestrado) revelaram que as mulheres conscientizaram-se de sua orientação homossexual em idade mais tardia, em relação aos homens estudados. Nesse sentido, o trabalho de Viss e Burn (1992) afirmou que a idade média de auto-percepção da orientação homossexual das mulheres estudadas foi de 21 anos de idade.

O aspecto qualitativo dessa pesquisa, o qual trata particularmente das dimensões religiosidade e identidade psicossocial demandou o desenvolvimento de instrumentos específicos, em forma de questionários semi- abertos, mencionados anteriormente. Os instrumentos foram preparados levando em conta a dimensão subjetiva dos aspectos pesquisados. Também foram consideradas a revisão bibliográfica e as experiências prévias provenientes da coleta de dados durante o mestrado da pesquisadora.

As entrevistas piloto auxiliaram no aprimoramento, tanto dos questionários, quanto da abordagem intersubjetiva da pesquisadora, a qual pôde enriquecer-se a partir da observação participante. O método foi aplicado ao longo da pesquisa, quando locais de lazer de SOHomA (bares, festas, boates, parada do orgulho gay de São Paulo em 2008 e de Londres em 2010 e 2011) foram visitados.

A participação como observadora nesses locais previu a ocasional interação interpessoal entre a pesquisadora e os sujeitos presentes. Nesse sentido, sempre que houve algum contato direto, sendo questionada a presença da pesquisadora, esta foi explicitada quanto ao seu objetivo.

Em três dos 12 locais visitados, houve questionamento sobre a presença da pesquisadora, demonstrando curiosidade a respeito da pesquisa, o que resultou em conversa breve sobre o assunto. Apesar de ter-se aplicado a observação participante, buscou-se a mínima interferência no campo de observação.

Ao contrário da observação participante do estudo de mestrado da pesquisadora, para o presente não houve visita a reuniões de grupos militantes, uma vez que a militância por grupos minoritários quanto à orientação sexual mostrou ter um limitado sentido para os adolescentes entrevistados. Ficou explícita a não associação entre orientação sexual e luta política para a amostra estudada.

As informações e percepções da observação do campo, juntamente com o diário de campo das entrevistas realizadas, resultaram em material para a compreensão de regras de convivência, códigos, símbolos e representações sociais dentro do grupo de SOHomA.

4.9 Descrição da Metodologia de Análise Qualitativa dos dados

Quanto ao tratamento das narrativas a partir da análise temática de conteúdo, contemplou-se seus três objetivos. A “ultrapassagem da incerteza”, que se relaciona com a identificação ou não da validade dos dados obtidos (Minayo, 2000) . Isto se dá através da verificação da acuidade das narrativas, lançando mão dos critérios de exclusão do estudo e das anotações do diário de campo, nesse caso.

Outro objetivo é o “enriquecimento da leitura”, ampliando a compreensão dos dados, isto é buscando captar outros sentidos que não apenas o manifesto nas falas registradas. Como terceiro objetivo tem-se a “integração de descobertas” a partir de associações possíveis entre as interpretações do material, a literatura sobre o tema e o contexto sócio- histórico atual. Os dois estágios a seguir compõem a metodologia de análise.

Primeiramente, durante a “pré-análise”, momento em que os objetivos do trabalho são destacados para seguir-se com a “leitura flutuante” do material, alguns temas e sub-temas são identificados. Assim, as narrativas são organizadas tematicamente, dando origem ao chamado “corpus” narrativo.

O segundo estágio consiste na “exploração do material”, quando núcleos de significados comuns nas narrativas temáticas são identificados e interpretados. É nesse estágio que é realizada a “triangulação”, através da qual se busca a validação dos núcleos, obtida quando a “exploração do material” é feita não apenas pela pesquisadora, mas também por outros dois profissionais de saúde mental.

5. RESULTADOS

5.1 Apresentação de Resultados Quantitativos

Os resultados a seguir foram obtidos através das análises estatísticas dos dados colhidos ao longo das entrevistas individuais. São apresentadas tabelas que incluem as dimensões investigadas: saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial.

Alguns dos resultados incluem os sujeitos do grupo controle, com o objetivo de comparação com o grupo de estudo. Primeiramente, são apresentados dados que permitem a caracterização da amostra em termos sócio-demográficos. A renda familiar mensal média no grupo de estudo foi de R\$ 8340,00 e do grupo controle de R\$ 7925,00.

O pareamento dos sujeitos resultou em amostra homogênea quanto ao gênero, à condição econômica, à escolaridade e a faixa etária (os sujeitos estavam cursando o último ano do ensino médio, cursinho pré-vestibular ou curso universitário).

Tabela 1: Comparação entre os grupos de SOHomA e de SOHetA quanto à Prevalência de Transtornos Mentais e Busca por Serviços de Saúde Mental

Prevalência De Transtornos Mentais	Grupo Controle		Grupo Estudo		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
Casos Positivos	8	20,0	16	40,0	24	30,0	0,057
Transtorno Depressivo Maior	6	15,0	14	35,0	20	25,0	0,057
Risco de Suicídio	0	—	4	10,0	4	5,0	—
Busca por Serviços de Saúde Mental	19	47,5	25	62,5	44	55,0	0,26
Uso Prévio ou Atual de Medicação Psiquiátrica	8	20,0	14	35,0	22	27,5	0,21
Em Psicoterapia Prévia ou Atual	11	27,5	19	47,5	30	37,5	0,12

De acordo com os objetivos do estudo, verificou-se a partir da comparação da prevalência de transtornos mentais em geral nos dois grupos, que os SOHomA apresentaram maior prevalência de transtorno em relação ao grupo controle.

O transtorno depressivo maior se mostrou aumentado nos SOHomA em comparação com SOHetA. Embora a prevalência de risco de suicídio tenha sido de quatro sujeitos no grupo de estudo e nenhum no controle e por isso não tenha sido possível realizar análise estatística, a diferença entre os grupos mostrou-se marcante.

Do mesmo modo, a busca por serviços de saúde mental geral, o fato de ter feito psicoterapia ou estar fazendo, ter usado medicação psiquiátrica, ou estar em uso mostraram-se aumentados em relação aos SOHetA.

Tabela 2: Descrição dos quatro status de Qualidade de Vida em ambos os grupos

Status de Qualidade de Vida	Médias	DP
SOHomA	77,59	7,59
Bem estar Físico		
SOHetA	78,39	6,67
SOHomA	78,28	9,03
Bem estar ambiental		
SOHetA	81,10	5,57
SOHomA	76,15	14,18
Bem estar Psicológico		
SOHetA	78,96	8,70
SOHomA	71,67	14,48
Bem estar Social		
SOHetA	76,67	11,35

Os status de qualidade de vida investigados nos grupos, quando comparados não demonstraram diferença significativa, o que pode estar ligado à homogeneidade sócio-demográfica dos grupos.

Tabela 3: Comparação entre os SOHomA e SOHetA quanto à Religiosidade

Religiosidade	Grupo Controle		Grupo Estudo		Total		p
	n	%	n	%	n	%	
Com Crença em Deus	31	77,5	26	65,0	57	70,3	0,27
Com Religião	11	27,5	8	20,0	19	23,8	0,56

Considerando-se a religiosidade a tabela acima destaca a semelhança entre os grupos no que diz respeito ao não pertencimento às denominações religiosas, apesar de afirmarem terem crença na existência de Deus. Destaca-se o fenômeno do “individualismo religioso” em ambos os grupos.

Tal fenômeno caracteriza-se como modo de vivenciar a religiosidade sem que os sujeitos precisem identificar-se como pertencentes à uma denominação religiosa fixa, o que se dá a partir da experiência subjetiva com relação às crenças em dogmas das religiões existentes em seu meio, aceitando alguns e rejeitando outros, vivenciando a religiosidade de modo individualizado, apesar desta ser um fenômeno cultural.

Não foi observada distinção entre os grupos, quanto à crença em Deus, afiliação religiosa e frequência com que participam de atividades religiosas.

Parece relevante destacar que a amostra é caracterizada por sujeitos de classe média e que nasceram a partir de 1994. Pode-se sugerir que a afiliação religiosa não se apresenta devido à secularização, dada a geração dos sujeitos e também dos membros de suas famílias.

Tabela 4: Análise descritiva de algumas das variáveis de Identidade Psicossocial dos SOHomA (não foi identificada diferença significativa relacionada ao gênero)

Identidade Psicossocial	Casos Positivos		Casos Negativos		Total	
	n	%	n	%	n	%
Sentimento de Vergonha da Orientação Sexual	27	67,5	13	32,5	40	100
Sentimento de Orgulho da Orientação Sexual	14	35,0	26	65,0	40	100
Discriminação quanto à Orientação Sexual	37	92,5	3	7,5	40	100

A discriminação por conta da orientação homossexual mostrou-se frequente, o que aparece acompanhada pelo sentimento de vergonha e por um percentual considerável de sujeitos que relataram não sentir orgulho de sua orientação sexual.

No entanto, a partir da análise qualitativa das narrativas que justificam o não orgulho da orientação, não se pode afirmar que este se dê exclusivamente pelo fato de haver vergonha da orientação. O modo como os SOHomA se posicionaram quanto ao chamado “orgulho gay” demonstrou uma reflexão distinta dos sujeitos homossexuais adultos investigados no estudo anterior (mestrado).

Tabela 5: Associação entre Prevalência de Transtornos Mentais nos SOHomA e o Sentimento de Vergonha quanto à Orientação Sexual

Prevalência de Transtornos Mentais	Sentimento de Vergonha quanto à Orientação Sexual				Total		p
	Positivo		Negativo		n	%	
	n	%	n	%			
Casos n % Positivos	15	37,5	1	2,5	16	40,0	0,004
Casos n % Negativos	12	30,0	12	30,0	24	60,0	
Total n %	27	67,5	13	32,5	40	100	

A associação demonstrada demanda a reflexão sobre o modo como os SOHomA experienciam a vergonha, que como a homofobia, pode ser internalizada a partir da vergonha que o outro nutre quanto à homossexualidade. Em especial notou-se, através dos dados qualitativos, que o outro no caso dos sujeitos do estudo, diz respeito à família, que é apontada como participante no desenvolvimento da identidade psicossocial do grupo homossexual adolescente.

5.2 Legenda das Variáveis constantes no banco de dados

(Questionário Sócio-demográfico para SOHomA e SOHetA)

- Sd1 nome e orientação sexual
- Sd2 idade
- Sd3 gênero
- Sd4 naturalidade
- Sd5 estado civil
- Sd6 escolaridade
- Sd7 se trabalha
- Sd8 em que trabalha
- Sd9 renda familiar mensal
- Sd10 estado civil dos pais
- Sd11 com quem mora
- Sd12 etnia
- Sd13 se já foi discriminado pela etnia
- Sd14 comentários
- Sd15 se sente-se orgulhoso, envergonhado ou indiferente quanto à etnia
- Sd16 comentários

W1 a W26 Pontuação do WHOQOL Abreviado Versão Brasileira (Qualidade de Vida para SOHomA e SOHetA)

(Questionário sobre Religião para SOHomA)

- Iraho1 se tem religião
- Iraho2 qual religião
- Iraho3 que igreja frequenta
- Iraho4 se acredita em Deus
- Iraho5 definição de Deus
- Iraho6 com que frequência vai à igreja
- Iraho7 se reza
- Iraho8 por quê reza

- Iraho9 se conta com ajuda de pessoas da religião em problemas pessoais
- Iraho10 se consulta a Deus ou autoridade religiosa para tomar decisões
- Iraho11 como se sente ao definir-se quanto à religiosidade
- Iraho12 se lê literatura religiosa
- Iraho13 se já foi discriminado pela definição religiosa
- Iraho14 comentários
- Iraho15 se as pessoas do grupo religioso sabem sobre sua orientação sexual
- Iraho16 se já foi discriminado no grupo religioso por conta de sua orientação sexual
- Iraho17 como vê sua orientação sexual quanto aos conceitos e dogmas religiosos

(Questionário sobre Religião para SOHetA)

- Irahet1 se tem religião
- Irahet2 qual religião
- Irahet3 que igreja frequenta
- Irahet4 se acredita em Deus
- Irahet5 definição de Deus
- Irahet6 com que frequência vai à igreja
- Irahet7 se reza
- Irahet8 por quê reza
- Irahet9 se conta com ajuda de pessoas da religião em problemas pessoais
- Irahet10 se consulta a Deus ou autoridade religiosa para tomar decisões
- Irahet11 como se sente ao definir-se quanto à religiosidade
- Irahet12 se lê literatura religiosa
- Irahet13 se já foi discriminado pela definição religiosa
- Irahet14 comentários

(Questionário M.I.N.I. Plus Versão Brasileira- Saúde Mental Eixol para SOHomA e SOHetA)

- Minigera se há algum transtorno mental em geral
- Minia transtorno Depressivo Maior
- Minib transtorno Distímico
- Minic Risco de Suicídio
- Minid Episódio (Hipo) Maníaco
- Minie transtorno de Pânico
- Minif Agorafobia
- Minig Fobia Social
- Minih Fobia Específica
- Minii transtorno Obsessivo Compulsivo
- Minij transtorno de Estresse Pós-Traumático
- Minik Abuso e Dependência de Álcool
- Minil Abuso e Dependência de Substâncias Psicoativas
- Minim transtornos Psicóticos
- Minin Anorexia Nervosa
- Minio Bulimia Nervosa
- Minip transtorno de Ansiedade Generalizada
- Miniq transtorno de Personalidade Anti-Social

Minir transtorno de Somatização
Minis Hipocondria
Minit transtorno Dismórfico-Corporal
Miniu transtorno Doloroso
Miniv transtorno de Conduta
Miniw transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
Minix transtorno de Ajustamento
Miniy transtorno Disfórico Pré-Menstrual
Miniz transtorno Misto de Ansiedade e Depressão

(Questionário de Antecedentes de Ajuda Psiquiátrica e ou Psicológica para SOHomA e SOHetA)

Astm1 se já procurou ajuda profissional por questões de saúde mental
Astm2 se já fez psicoterapia
Astm3 se já usou medicação psiquiátrica
Astm4 se já foi internado para tratamento em saúde mental
Astm5 se já buscou ajudas alternativas por questões de saúde mental

(Questionário sobre Identidade Psicossocial para SOHomA)

Id1 como se defini quanto à orientação sexual
Id2 desde que idade percebeu-se com esta orientação
Id3 em que medida a orientação caracteriza uma pessoa
Id4 em relação ao gênero ao qual pertence, como se sente
Id5 já sentiu orgulho quanto à orientação
Id6 comentários
Id7 já sentiu vergonha quanto à orientação
Id8 comentários
Id9 se sente uma pessoa melhor ou pior por conta de sua orientação
Id10 já foi discriminado pela orientação
Id11 comentários
Id12 o quanto sua orientação atende às expectativas de familiares, amigos, etc
Id13 as expectativas das pessoas te influenciam quanto à orientação
Id14 comentários
Id15 o que acha que faz com que uma pessoa seja homossexual
Id16 como se relaciona com pessoas de orientação diferente da sua
Id17 acha que existe uma orientação sexual correta

5.3 Apresentação de Resultados Qualitativos

A seguir tem-se o “corpus narrativo” total (organização por temas específicos, orientação sexual e gênero)

IRaho5 Definição Deus (SOHomAm)

“Deus é pra mim uma força interior que cada pessoa pode usar ou não, sem pensar assim que seja uma pessoa, não acho isso.”

“Deus é como uma forma de proteção, pra mim é essa ideia que vem.”

“Deus é um porto seguro pra mim. Recorro em horas pra agradecer ou só pra me sentir bem.”

“Deus é uma energia.”

“Pra mim esse deus como uma pessoa, cristo, isso não é no que acredito, acho que deve ter alguma coisa, energia mesmo que nos criou, mas não saberia dizer.”

“Não tive educação voltada pra religião.”

“Acho que é uma força energética.”

“Deus é uma paz interior.”

“É uma força que move a tudo.”

“Entendo Deus como energia, mesmo sendo católico.”

“Sou cético.”

“Não creio em deus como a maioria, eu acredito numa forma de energia.”

“É como uma proteção.”

“É energia do mundo, uma força, coisa assim.”

“É o poder de criar, de ordenar o mundo.”

“Não acredito num deus como pessoas, acho que numa força.”

“É luz na minha vida, energia positiva.”

“Se existe Deus é uma energia que as pessoas chamam de Deus e também relacionam com uma figura.”

“É proteção pra alma neste mundo.”

“Um deus parece mais porque as pessoas precisam sentir proteção, parece uma criação do homem mesmo.”

IRaho8 Por que reza (SOHomAm)

“Não sinto necessidade de rezar assim como todo mundo faz, acho que eu fico mais na minha, tentando me sentir em proteção comigo mesmo, aí acho que não é bem rezar, é o meu jeito.”

“Tem momentos que você precisa disso, eu por exemplo rezei quando minha mãe ficou muito mal no ano passado, acho que me senti melhor.”

“Para agradecer e me sentir bem, protegido numa situação difícil, sinto aliviado.”

“Não fui acostumado então não tem uma função.”

“Não tenho como se não tenho a ideia de um Deus.”

“Não faz parte dos meus hábitos.”

“Acabo não me lembrando e não tendo o hábito.”

“Não acho importante pra mim.”

“Rezo pra estar mais em paz em minha vida, e fico mesmo melhor.”

“De vez em quando me sinto bem em agradecer a vida.”
“Não aprendi isso.”
“Não sinto necessidade, porque não penso na ideia de rezar pra uma pessoa.”
“Para me tranquilizar.”
“Rezar não tem muito a ver comigo não.”
“Não me lembro de rezar.”
“Não faz parte.”
“Rezo pra me fortalecer pra vida, faço isso todos os dias com bastante fé.”
“Nunca tive hábito.”
“Nunca lembro, só bem raramente, mas também não sinto necessidade mesmo.”
“Não tenho necessidade.”

IRaho11 Como se sente quanto à denominação religiosa (SOHomAm)

“Fico na boa com isso, meus pais nunca forçaram a religião, sou bem desencanado com isso, só quero me sentir bem mesmo e tá bom.”
“Pra mim não preciso de uma religião definida, e eu não teria porque discordo de coisas em todas.”
“Normal.”
“Acho super normal não ter uma religião, acho que a ideia de deus é muito de pessoa, conheço muita gente assim.”
“Acho que eu não me defino de fato.”
“Normal.”
“Bem.”
“Bem, normal.”
“Me sinto bem comigo, é o que mais faz bem mesmo.”
“Normal.”
“Normal.”
“OK.”
“Me sinto de bem comigo, mesmo não frequentando a igreja já que tenho coisas que não concordo, prefiro ser mais independente da religião mesmo.”
“Me sinto normal.”
“Bem.”
“Bem.”
“Satisfeito.”
“Normal.”
“Tranquilo.”
“Bem.”

IRaho14 Se já foi discriminado por conta da denominação religiosa (SOHomAm)

“Não porque a maioria dos meus amigos são como eu com religião, mas também acho que não teria problema com isso não.”
“Acho normal não ter uma religião definida hoje em dia, em outras épocas isso seria condenado, mas hoje até os meus amigos, acho que só um é de uma religião, mas nem vai muito.”
“Eu não falo sobre religião com ninguém, acho pessoal e aí isso nunca teve problema.”
“Não. Isso não tem nada a ver.”

“Não teria como, sei que as pessoas podem até achar estranho não acreditar em deus, mas isso não é tão incomum não.”

“Nunca tive problemas com ser como eu sou, as pessoas a minha volta não falam desses assuntos e se falam não me exponho, não tem nada a ver.”

“Não tenho problemas.”

“Não é problemático, não encano com isso.”

“Esse é um assunto mais pessoal, só converso com algumas pessoas e nem é um assunto que eu toco muito.”

“Religião é muito pessoal, ninguém pergunta não.”

“OK.”

“Me sinto bem como estou nesse sentido.”

“Acho que nunca tive problemas nesse sentido.”

“Nunca me atrapalhou não ter ligação com religião.”

“Bem.”

“Normal.”

“Eu encontrei uma religião que trabalha a minha fé sem imposições.”

“Bem.”

“Nunca tive nenhuma dificuldade com assuntos de religião.”

“Acho comum não ter religião ou ter as ideias que eu tenho sobre Deus.”

IRaho17 Como vê sua orientação quanto aos conceitos e dogmas religiosos (SOHomAm)

“Como eu não ligo pra uma religião fechada, aí, sou eu comigo mesmo, essas ideias são da história, mas mesmo que não fossem eu não sou tão cabecinha.”

“Acho que todas as religiões têm ideias preconceituosas, eu também não conheço todas pra dizer assim, mas as que eu conheço têm, então não levo muito a sério o que dizem que é o certo.”

“Isso pra algumas pessoas pega, mas eu tenho minha religião e não me prendo em dogmas, aí isso nunca me atrapalhou.”

“Não me julgo partindo de conceitos religiosos, essas coisas da religião não me pegam, sou mais indiferente a isso, até por criação em casa mesmo.”

“Como não considero uma religião aí não tem como ter conflito desse tipo.”

“Que bom que não tendo isso de religião não tenho nem muita noção dos conceitos, sei que tem muita condenação, certo e errado e claro, preconceito mesmo.”

“Acho que tudo é questão de interpretação dos textos, da época mesmo.”

“Pra mim não tem nada a ver, nem penso nisso.”

“Acho que as coisas na vida não são tão definidas como a gente imagina, tem muito mais, é mais complexo do que regras simplesmente.”

“Eu filtro bem o que eu escuto por aí, o que tem de preconceito, aí faço igual com opiniões das religiões sobre a sexualidade em diversos aspectos.”

“Acho uma bobeira, ignorância ver o mundo pelos dogmas.”

“Como não me envolvo com religião, os conceitos nem estão na minha cabeça. A gente sabe que tem uma condenação, mas pra mim isso não tem tanta força.”

“Como falei eu não me ligo tanto na religião, na igreja, aí não tenho conflitos com isso.”

“Sou afastado de conceitos e não acredito quando tem regra fechada, ainda mais sobre sexo, a igreja condena até camisinha, não dá pra levar a sério, né?”

“Às vezes fico incomodado com algumas ideias do espiritismo e não concordo, parece que tem um julgamento, acho péssimo.”

“Não ligo pra ideias religiosas radicais, os dogmas.”

“Eu filtro o que acho que é exagero, toda religião tem uma ideia do que deve ou não ser feito, mas aí vai de cada um pensar e não ficar submisso às ideias de certa religião.”

“Esse tipo de ideia nunca me atraiu então não penso sobre a minha vida considerando esses conceitos.”

“Não sou tão conectado com os conceitos pra me importar, mesmo sabendo que a igreja católica condena homossexualidade, mas o que se pode dizer dos padres, da condenação da camisinha?”

“Nunca tive contato direto com uma religião, fui batizado e só, mas sei dos julgamentos cristãos e é claro que acho absurdo.”

IRaho5 Definição de Deus (SOHomAf)

“Pra mim é uma força.”

“Acho que é pura energia, sem definição certa.”

“Deus é energia.”

“Acho que pra mim Deus significa sentimento de proteção.”

“Não acho que há um deus, talvez forças, mas não um ser.”

“Sinto deus como presença em tudo mais do que uma pessoa mesmo.”

“Deus é energia que está em tudo.”

“Não tive educação religiosa, pra mim Deus deve ser alguma coisa perto de uma força energética, sei lá.”

“Não fui introduzida em religião, não acho que exista um deus, vejo um pouco como uma necessidade de acreditar.”

“Acredito em energia assim suprema e não num Deus.”

“Acho que é como uma força energética, não sei explicar, mas eu acho que isso existe.”

“Deus é como um porto seguro, bem nas horas que você precisa de paz e nada aqui te satisfaz.”

“Não sei se eu consigo explicar bem. Pra mim a ideia de existir Deus sempre me deu uma confiança, às vezes eu duvido, ou não ligo pra isso, mas tem um momento que não sei porque e aí eu acredito e só.”

“Nunca gostei de ter um deus que fosse uma pessoa, acho que não é possível.”

“Deus é uma energia total.”

“Deus é o universo todo.”

“Deus é a energia me mantém o universo.”

“Deus é uma energia que equilibra o mundo.”

IRaho8 Por que reza (SOHomAf)

“Nunca foi muito comum pra mim, talvez meus pais tenham incentivado, mas não me acostumei com isso, não sinto necessidade.”

“Em momentos mais específicos gosto de rezar, fico calma com isso.”

“Nunca fui disso.”

“Nem lembro mais como se reza.”

“Eu rezo quando acho que a situação pede.”

“Faço questão de rezar pra agradecer por minha vida, já que não vou à igrejas.”

“Não cresci com isso, aí não faz parte.”

“Rezar é minha forma de tentar ficar mais em paz em alguns momentos específicos.”

“Quando era criança rezava, mas não sinto necessidade.”
“Nunca fui acostumada.”
“Não faz parte da minha vida.”
“Acho que me faz bem tentar conectar com algo maior, mas eu mentalizo, não acho que seria rezar.”
“Rezar não foi uma coisa que eu cresci fazendo, acabo não rezando mesmo, sinceramente.”
“Rezar é quase nunca, só pra tentar me acalmar mesmo.”
“Eu rezo não de jeito formal e pra me sentir bem, mas não é sempre não.”
“Pra mim, tentar estar sempre bem é o suficiente eu não preciso rezar.”
“Não fui acostumada.”
“Rezo quando estou nervosa ou quando quero agradecer.”
“Rezo quando preciso ficar comigo mesma.”
“Rezo como agradecimento.”

IRho11 Como se sente quanto à denominação religiosa (SOHomAf)

“Normal.”
“Bem.”
“Normal.”
“Super na boa.”
“OK.”
“Muito bem comigo.”
“Bem.”
“Tudo bem.”
“OK.”
“Na boa.”
“Fico bem assim.”
“Vivo tranquila.”
“Normal.”
“OK.”
“Me sinto bem.”
“Tudo bem com isso.”
“Bem.”
“Tudo bem.”
“Tranquila.”
“Satisfeita nesse sentido.”

IRho14 Se já foi discriminada por conta da denominação religiosa(SOHomAf)

“É tranquilo não ter uma definição sobre isso.”
“Vivo OK desse jeito.”
“Beleza. Não vejo problema com ninguém.”
“Eu sou na paz com isso.”
“Nunca me perguntaram se eu tinha religião.”
“Acho que a minha religião nunca me causou embaraço.”
“Fico tranquila com assuntos de religião.”

“Acho que a crença sempre deve ser mais livre mesmo.”
“Não penso que alguém possa te criticar porque você acredita em qualquer coisa.”
“Acho que cada um tem a religião ou nenhuma religião, não é tão necessário saber isso, eu acho.”
“Ainda bem que não tem dificuldade não crer em uma religião.”
“Papo de crença não me atrai, ninguém tem noção muito do que eu penso.”
“No Brasil a gente não tem esse problema.”
“No que eu acredito é bem íntimo.”
“Não falo de assuntos tão específicos, só não vejo razão pra falar, aí nem pra ter problemas com isso.”
“Tudo bem cada um ter no que acreditar, nem tem discussão.”
“É normal terem opiniões diferentes sobre o assunto de religião.”
“Cada pessoa deve cuidar do que acredita, acho que hoje em dia isso já acontece.”
“Todo mundo tem seu jeito de acreditar nas coisas e como religião hoje em dia é muito íntimo, não acontece problema por crenças diferentes.”
“Me sinto em paz mesmo.”

IRaho17 Como vê sua orientação quanto aos conceitos e dogmas religiosos (SOHomAf)

“Acho que tudo tem seu valor, mas não pode ser ortodoxo, ou julgado como no passado, a história passou, é outro mundo.”
“É pena que um monte de gente sofra de acreditar nos conceitos que são bem preconceituosos, eu tenho uma visão crítica disso e assim não me incomodo.”
“Não dou atenção pra isso.”
“Acho tudo bem julgamento mesmo, não dá pra considerar de jeito nenhum.”
“Eu não acredito, só isso.”
“Sou de uma família que teve uma raiz católica de esquerda, então não é ortodoxo, aí os dogmas não têm tanta força, ao menos na minha vida.”
“Sinceramente pra mim é muito limitado pensar que um texto de tempos tão antigos pode ser visto com uns e outros veem.”
“Tento considerar o que faz mais sentido, não acredito em tudo.”
“Isso parece fora da realidade, um jeito de julgar e achar que tem a verdade das coisas.”
“Pra mim é retrógrado ler uma bíblia hoje como se agente vivesse naquela época, não tem sentido.”
“Essas coisas são o preço de acreditar, tem um pacote por trás, pra mim não afeta não.”
“Tudo é construído, também esses conceitos, como eu não estou dentro, aí não faz diferença.”
“Não fico vulnerável porque não tenho essas crenças, nem uma religião definida.”
“Existe censura, os pecados, isso traz muita culpa pras pessoas, na minha vida não tenho tanta influência disso, mas acho que essas coisas influenciam de forma geral o mundo.”
“Eu não sei bem dos dogmas, é sempre de forma que julga então tendo crítica, não sou afetada, pelo menos não que eu saiba.”
“Isso faz ser sofrido pra algumas pessoas se aceitarem, acho retrógrado, mas fé é fé e pode atrapalhar às vezes.”
“Acho complicado porque é um julgamento das pessoas e pode trazer muita culpa.”
“Esses dogmas são perigosos porque todos ficam irracionais, não criticam nada, baseiam a vida nisso, pra mim só prejudica, causa dor pra alguns.”

“Quando é uma coisa que vai te condenar, julgar, fazer você se achar um ser humano ruim como a igreja católica faz com os gays, acho que é um atraso e prejudicial, acaba com a auto estima.”

“Consigo aproveitar o que existe de positivo, mas a maioria das pessoas não interpreta, trazem tudo pro concreto e vivemos outro momento, isso é meio cegueira na minha opinião.”

IRahet5 Definição Deus (SOHetAm)

“Como não tenho religião não acredito num Deus.”

“Deus é força superior.”

“Não acredito num Deus como uma pessoa.”

“Pra mim Deus é como uma força de regimento do universo, essa é a ideia que eu tenho.”

“Deus é a proteção, é o que vai ordenando tudo, acho q2ue não consigo explicar, não fica claro pra mim também, mas é isso.”

“Acredito em energia, mas não num Deus de uma história.”

“Não sei explicar, mas pode ser uma lei que regula tudo, sei lá.”

“Deus é superior.”

“Acredito em força de energia, mas Deus não.”

“É no que eu acredito, em energia, ou talvez num ser mais superior.”

“Deus é um exemplo, um mito.”

“Não acho que Deus é uma pessoa.”

“É como uma energia.”

“Acho que não dá pra explicar, nem definir.”

“É proteção na vida.”

“Deus é energia positiva e paz.”

“Deus é força, acho que algo superior, mas não saberia definir não.”

“Deus pra mim é força.”

“Deus é bem impossível de conseguir falar porque cada um tem sua ideia, pra mim é energia de criação de tudo.”

“Deus me dá ideia de proteção mesmo eu não tendo uma religião assim.”

IRahet8 Por que reza (SOHetAm)

“Não faz parte pra mim.”

“Rezo e me sinto mais em paz, mesmo não rezando sempre, rezo mais raramente.”

“Nunca foi um costume pra mim.”

“Não rezo tradicional, eu me concentro numa força, tento pensar com positividade.”

“Rezar como oração não tenho feito, talvez quando eu era criança tenham ensinado.”

“Não acho importante na minha vida.”

“Não sei rezar exatamente.”

“Sempre esqueço.”

“Nunca rezei.”

“Quando eu rezo é pra agradecer.”

“Eu rezo porque me faz ter paz em horas difíceis.”

“Nunca fui de rezar.”

“Não lembro nunca.”

“Pra sentir paz.”

“Agradeço minha vida.”
“Acho que me dá paz, confiança pra algumas coisas.”
“Rezo nas horas mais complicadas, me sinto bem.”
“Tento lembrar de agradecer pela minha família.”
“Rezar me faz ficar mais consciente.”
“A gente reza mesmo é na hora do aperto.”

IRhet11 Como se sente quanto à denominação religiosa (SOHetAm)

“Isso é natural na minha vida.”
“Me sinto bem, cresci nessa religião.”
“Me sinto tranquilo, não acho que tenho uma falta , pra mim não tem muita razão ter uma religião assim oficial.”
“Fico bem assim.”
“Normal.”
“Me sinto satisfeito com tudo.”
“Na boa, sem problemas com isso.”
“Bem.”
“Estou bem assim.”
“Fico tranquilo.”
“De boa.”
“Pra mim tá bem desse jeito cada um tem direito de acreditar ou não.”
“Normal.”
“OK.”
“Me sinto bem.”
“Me sinto mais calmo, tranquilo, é um porto seguro mesmo.”
“Gosto do jeito que tenho minha crença.”
“Satisfeito.”
“Bem.”
“Normal.”

IRhet14 Se já foi discriminado por conta da denominação religiosa (SOHetAm)

“Acho até que ninguém sabe muito em que as pessoas acreditam.”
“Acho que a religião é bem pessoal, nem sabem que religião eu tenho.”
“Nunca tive problema.”
“Cada pessoa acredita no que quer.”
“Meus amigos não discutem no que eles acreditam, ou a ideia de ter ou não Deus.”
“Não lembro de problema nenhum.”
“Pra mim nem tem como.”
“Não tem como.”
“Acho esquisito ter problema com os outros por causa disso.”
“Nunca aconteceu mesmo.”
“Sempre foi normal ser assim com religião, essas coisas.”
“Não teria como sofrer preconceito porque é uma parte pessoal minha, nem falo disso.”
“Não causa problema ter essa opinião.”
“Isso não acontece comigo.”
“Não falo disso com amigo, quase nunca.”

“Nunca passei por nenhum problema por religião, não sei se acontece, talvez se a pessoa for muito fanática.”

“Não acho que eu tenho que abrir pra todo mundo no que eu acredito, isso não se discute, não é?”

“Sou bem reservado com essas coisas.”

“Cada um pode ter a religião que bem entender, né?”

“Nem dá pra ter preconceito com fé.”

IRahet5 Definição Deus (SOHetAf)

“Deus é pessoal, não tenho como definir o meu, por exemplo.”

“Pra mim é energia.”

“Acho que tudo é energia. Não sei explicar bem.”

“Deus pra mim é uma forma evoluída.”

“Acredito que há uma força superior apenas.”

“Pra mim Deus é o todo, o universo, é meio complexo mesmo.”

“É minha fonte de proteção.”

“Acho que tem a ver com criação do mundo, mas não como uma pessoa, como energia, não acredito em Deus como pessoa.”

“Tenho meu Deus com quem eu falo, mas não é como uma pessoa, é como uma força superior.”

“Na verdade acho que existe a ideia de Deus como uma pessoa e isso não me atrai, eu penso numa força, em Deus assim como pessoa eu não acredito, só que não sou sem crença.”

“Deus tá ligado ao regimento universal, a tudo que pertence ao mundo.”

“Não acho que existe uma pessoa como um Deus, talvez energia, mas não pessoa.”

“Deus é uma proteção.”

“Deus tem a ver com alguma alma superior, sei lá.”

“Deus é força, proteção.”

“Eu penso em energias, mas numa pessoa não.”

“Deus é com um centro pra mim.”

“Eu acho que pra mim é tudo energia, não sei explicar, mas acredito que não existe um ser, mas a energia que movimenta o mundo e isso não é como um Deus pra mim.”

“Deus deve ser energia, não sei, penso assim às vezes.”

“Pra minha vida vem como proteção.”

IRahet8 Por que reza (SOHetAf)

“Falo comigo mesma e acho isso um jeito de estar em contato com Deus.”

“Não lembro e não tive o hábito desde pequena.”

“Não me ligo nisso.”

“Gosto de me sentir segura em alguns momentos eu rezo pra isso, quando tenho um problema difícil.”

“Não sinto vontade, eu também não tive exemplos disso perto de mim.”

“Faço preces quando sinto que preciso me equilibrar.”

“Gosto de agradecer tudo.”

“Eu oro às vezes, não é hábito, só mais numas horas que pedimos ajuda pra alguém, coisa assim.”

“Não tenho necessidade de uma coisa assim formal, é como se eu só conversasse dentro de mim mesma.”

“Não te a ver com o que eu penso.”

“Acho que eu não fui acostumada a rezar, mas por isso eu vejo que minha religião é mais ligada com as coisas que eu acredito do espiritismo, mas não de praticar, ou rezar.”

“Não faço, só isso.”

“Rezo pra agradecer.”

“Às vezes eu rezo numa hora mais complicada, pode até dar um alívio, uma coisa assim.”

“Eu não tenho isso como parte da minha religiosidade.”

“Não teria nada a ver hoje em dia que eu tenho meu modo de pensar.”

“Rezo sempre como agradecimento e para proteção.”

“Eu não rezo agora, só que tive educação mais católica e quando eu era pequena ainda rezava pra agradecer as coisas, minha avó ensinava isso.”

“Não tenho necessidade.”

“Hoje eu não lembro muito, só rezava quando era criança.”

IRhet11 Como se sente quanto à denominação religiosa (SOHetAf)

“Gosto do jeito que tenho com a religiosidade.”

“Nesse assunto tá tudo bem pra mim.”

“Fico de boa de ser como eu sou nisso.”

“Sinto paz em ter as crenças que eu tenho.”

“Não tenho dificuldade, só acredito em Deus dessa forma.”

“Gosto bastante do jeito que vejo a ideia de Deus.”

“Sinto que minha espiritualidade tem um jeito mais próprio que pra mim é muito bom.”

“Acho que eu falo que sou católica por origem só, mas levo bem minha espiritualidade.”

“É bacana ter liberdade como eu tenho com essas coisas de religião, ninguém me impõe na família nem nada, é meu mesmo.”

“Tô bem assim.”

“Essa religião me deu algumas respostas, pelo menos é a que eu me encaixo mais.”

“Não tenho problema com minha opinião.”

“É normal assim pra mim.”

“Me sinto em harmonia com tudo que eu acredito.”

“Tô satisfeita comigo mesma nesse assunto.”

“Considero que lido bem, me sinto bem com o que eu acredito.”

“Não gosto de falar pra todo mundo da minha religião, mas comigo eu tenho ela muito forte.”

“Me sinto feliz de ter minha opinião e não me traz dificuldade não ter uma Deus.”

“Me acho bem acreditando desse jeito em Deus.”

“Tudo bem.”

IRhet14 Se já foi discriminada por conta da denominação religiosa (SOHetAf)

“Existe respeito com as pessoas que tenho contato, nesse caso.”

“Tenho um grupo de amigos que tenho certeza que nem liga pra isso entre a gente.”

“Ninguém liga pra isso não.”

“Acho que todo mundo respeita o que cada um quer ter como crença religiosa, pelo menos é assim com as pessoas que eu convivo.”

“A religião nem é um assunto tão falado hoje.”
“Sou discreta sobre coisas pessoais, não sabem no que eu acredito, é muito íntimo.”
“Às vezes tem conversas sobre religião, mas tem respeito com o que cada um pensa, tenho amigos abertos.”
“Hoje não tem muito que se discrimine pela religião entre o pessoal mais jovem, é um assunto na boa.”
“Isso é super pessoal, as pessoas quase não falam do assunto.”
“Não falo de religião com ninguém.”
“Tem muita gente que gosta do espiritismo.”
“Todo mundo tem direito de pensar do seu jeito.”
“Tranquilo, é super pessoal no que você acredita.”
“Acho que a religião é uma coisa que é tão própria que não tem como você julgar as outras porque são diferentes.”
“Não coloco muito pras pessoas no que eu acredito, acho que quase ninguém me perguntou isso.”
“Esse assunto é super individual.”
“A minha religião é aberta pras pessoas, acho que tem respeito, mas também não fico expondo muito.”
“Cada um vive como pensa que é certo, com o que acredita, isso não é uma parte da sua vida pra ser certa ou ser errada.”
“Assunto como religião, origem do mundo não tem a ver com o que vão pensar, você só é que acredita e pronto.”
“Todo mundo pode pensar como achar que é melhor, não tem nada a ver criticar.”

Id1 Como se define quanto à orientação sexual (SOHomAm)

“Fico com meninos.”
“Sou gay.”
“Não gosto de rotular, mas pra definir, acho que diria que sou homossexual.”
“Sou gay.”
“Me defino como gay.”
“Sou homossexual.”
“Sou gay.”
“Sou gay.”
“Sou gay.”
“Gay.”
“Homo.”
“Sou gay”
“Sou gay.”
“Sou gay.”
“Homossexual.”
“Gay.”
“Gay.”
“Gay.”
“Sou homo.”
“Sou gay.”

Id2 Desde que idade percebeu-se com tal orientação (SOHomAm)

“Acho que eu sempre fui diferente, não teve uma idade.”

“Comecei a achar que era diferente com uns sete anos, mais ou menos.”

“Desde sempre.”

“Me percebi mais com uns 11 anos.”

“Me descobri com uns 15 anos, antes até ficava com garotas, mas não chegava a gostar mesmo de nenhuma.”

“Comecei a ter relacionamentos com 17, mas me percebi diferente com uns 14, mas não era nada muito claro, acho que descobrir que tinha um garoto gay no meu condomínio fez a ficha cair mais.”

“Desde sempre.”

“Sempre fui assim.”

“Não sei dizer quando tive mais consciência, mas sentia que eu era de outro jeito, que gostava de outras coisas. Isso tudo comparando com os outros meninos. Acho que no fim é sempre assim, a gente não tem como não se comparar, isso é bom quando ajuda.”

“Sempre.”

“Desde que nasci.”

“Acho que percebi com uns 12 anos.”

“Desde sempre.”

“Eu fui me tocar mais com uns 14.”

“Parece que eu nasci gay.”

“Desde que nasci.”

“Acho que sempre fui gay, quando menor eu não sabia o que era.”

“Acho que mais ou menos quando eu tinha uns 15 anos.”

“Me percebi com uns 13 anos.”

“Sempre me senti diferente, só entendi isso melhor com uns 15 anos.”

Id3 Em que medida a orientação caracteriza uma pessoa (SOHomAm)

“Isso não tem nada a ver, ainda pensam muito assim mesmo hoje, mas nada a ver, isso é a sua vida, do seu jeito, não passa dessa parte.”

“Isso vai depender se tem ou não preconceito, pra mim as pessoas são elas mesmas e não importa ser gay, hétero, bi.”

“Caracteriza porque tem conceitos de certo e errado e isso já muda como você se sente e como julgam você, do lado dos errados.”

“Isso é só uma parte, só isso e só.”

“Não dá pra dizer quem uma pessoa é levando a sexualidade em conta, isso é irracional, então é isso, a maioria é irracional, porque todo preconceito é mais emocional que racional.”

“Bom, vai ter todas as opiniões possíveis, mas pra mim gente é gente, embora seja difícil lidar com preconceito.”

“Não penso uma pessoa pela sexualidade dela, isso é reduzido.”

“Depende de como você se vê, eu não acho que muda tanto, mas talvez seja diferente porque você geralmente tem problemas.”

“Não posso achar que alguém é bacana ou não pensando na sexualidade, cada um sabe de si e eu nem sei se isso deve estar no menu.”

“Não julgo por aí, eu sei que tem julgamento, mas tento não ser assim.”

“Achar que ser gay ou não tem a ver é muito hipócrita, cada um leva a vida que quiser, não faz sentido classificar e decidir que esse é melhor que aquele.”

“Pra mim gay ou não sou o mesmo na essência.”

“Me acho normal, assim também acho que não tem tanta diferença, não é discutível a sexualidade pra saber sobre quem uma pessoa é mesmo.”

“Nunca passou pela ideia que ser gay poderia definir a vida de alguém, isso já deveria ter passado.”

“Muda um pouco porque você pode ser mais retraído por medo do preconceito, aí pode ser que tenha características de alguém que sente que precisa se esconder, mas quando você tem amigos já fica melhor.”

“Não determina quem você é, mas pode fazer diferença pra quem tem preconceito.”

“Não deveria determinar, caracterizar nada, mas estamos em sociedade, aí pra mim não determina, mas pra quem tem preconceito pega.”

“Acho que pode fazer com que a pessoa fique mais desconfiada do mundo caso tenha sofrido preconceito.”

“Me sinto uma pessoa mais liberada, mais aberta pra escutar meus amigos por exemplo, porque não tenho tantos preconceitos, não vou achar que uma pessoa deve ser assim ou assado, sou contra isso.”

“Não tem razão ser definido pelo que você gosta sexualmente, mas esse é assunto principal na vida, então acaba sendo difícil não ser considerado.”

Id4 Em relação ao gênero ao qual pertence, como se sente (SOHomAm)

“Me sinto bem assim como eu sou, tenho meu estilo, curto me arrumar na moda, acho bacana quando as pessoas têm atitude na roupa.”

“Normal.”

“Me sinto normal, não tenho problemas com isso.”

“Sinto bem, OK.”

“Me sinto normal, não gostaria de ser mulher, mas respeito casos assim, as pessoas sofrem muito quando sentem que estão na vida no sexo errado, acompanhei um caso num blog, parece ser horrível.”

“Normal.”

“Bem.”

“Esse problema eu não tenho, sou ok com isso, sou gay, só isso.”

“Sinto que gosto de ser homem, ter esse corpo, eu curto isso, às vezes sou até bem vaidoso, mas é do bem.”

“Bem.”

“Normal. Gosto de ser homem mesmo, essa é outra ideia furada de que quem é homo quer ser do outro sexo.”

“OK.”

“Normal.”

“Fico bem sendo homem.”

“Me sinto feliz.”

“Bem.”

“Sou satisfeito com ser homem.”

“Normal.”

“Me sinto tranquilo.”

“Me sinto bem.”

Id5 Id6 Se já sentiu orgulho quanto à orientação. Comentários (SOHomAm)

“Pra mim nem tem orgulho, não tem nem da nacionalidade, eu também não faço parte de movimento gay.”

“Se é uma coisa normal então não tem como ter orgulho ou não, sei lá.”

“Sinto orgulho por haver luta política, isso é importantíssimo.”

“Orgulho não mesmo, mas admiro os movimentos contra o preconceito, isso sim, acho muito bom.”

“Vem um certo orgulho pelas lutas por justiça de direitos.”

“Não teria porque isso não entra muito na minha cabeça, é só uma coisa em você, talvez o orgulho gay tenha até o lado de enfatizar preconceitos, isso não é comigo mesmo.”

“O orgulho é pra militância.”

“Isso é meio loucura porque não dá pra achar orgulho o que pode ser problema por causa dos outros, mas eu respeito que as pessoas queiram defender pra ter menos preconceito, só que eu não entro nisso, pra mim é diferente, já foi pior, mas fico bem.”

“É importante que tenha luta, melhor, busca por direitos, por condenação de humilhações por puro preconceito. De forma mais geral. A lei pode pelo menos dar um limite pra alguns atos grotescos, se bem que não vai acabar, mas tem que ter certo e errado.”

“O orgulho é pelos homo que se assumem mesmo com os problemas que podem ter mais orgulho por ser isso ou aquilo não tenho.”

“Não tem motivo pra orgulho é incoerente orgulho e não preconceito.”

“Não acho um motivo pra orgulho, isso não define muito pra ter até orgulho. Tudo bem com as lutas por direitos, mas não tem a ver com orgulho.”

“Sinceramente acho uma bobeira, não tem nada a ver, fica aumentando preconceito e rotulando todo mundo, só é necessário pra não ter violência, aí tem os movimentos, tudo bem.”

“Acho bacana se assumir, é disso que sinto orgulho porque não é simples pra todo mundo, isso pode virar até violência, mas também acho desnecessário ficar por aí anunciando que é gay, é meio ridículo.”

“Tem muita coisa pra enfrentar, não consigo ter orgulho hoje.”

“Orgulho de ser gay nunca me passou pela cabeça não.”

“Acho forte o trabalho dos movimentos sociais dá orgulho pela coragem.”

“Sempre vai ter quem vai te julgar, às vezes machuca, te deixa mal, outras vezes vem a raiva, a revolta, outras você nem liga, consegue se sentir uma pessoa com todos os direitos de qualquer outra e livre mesmo.”

“Nada a ver.”

“Não me toca o orgulho gay.”

Id7 Id8 Se já sentiu vergonha quanto à orientação. Comentários (SOHomAm)

“Tenho uma família legal, a gente não fica fofocando ou se metendo na vida dos outros, acho que isso é tudo!”

“Quando os meninos me xingavam, fiquei mal mesmo, fui aguentando, aguentando e não queria falar pros meus pais, até que não queria mais sair de casa, sempre achava que alguém ia me zoar.”

“Estudei em escola muito tradicional e ainda religiosa, mas o que mais era difícil não era ser religiosa, era o quanto eu era zoadado, chegavam na humilhação às vezes, isso fazia eu me achar errado desde criança e até hoje eu encano que possa ser zoadado.”

“Acho que fiquei com vergonha de mim mesmo, eu achava que tinha algo errado e eu era o culpado que só eu era daquele jeito, saber dos outros muda tudo.”

“Primeiro que tenho um irmão e um tio que são gays, não passei por achar que eu era estranho demais, talvez tenha sido difícil ter que viver relacionamentos sem demonstrar nada em público, mas isso dá pra contornar. Ninguém me intimidou pela orientação.”

“Sempre surge a sensação de estar errado, de vir a envergonhar alguém da família. No meu caso meu pai, mas nós lidamos com isso com discrição e ele tem outros motivos pra se orgulhar de mim, já talvez eu ser homo não agrade.”

“Senti vergonha do meu irmão mais velho quando sacou tudo, mas depois passou.”

“Esse foi o pior de tudo até um ano atrás, mas eu melhorei com outras pessoas que me fazem ver tudo de outro jeito. Acho que até já tive raiva de mim, mas não era só ser gay, era muita coisa junto.”

“Acho que não dá pra não ter passado isso, nem que se tente esquecer.”

“Tudo foi mais simples pra mim, ou eu é que sou muito tranquilo mesmo.”

“Quando minha irmã, que é bem mais velha ficou sabendo, ela me julgou e a opinião dela sempre foi muito decisiva.”

“Sempre tive apoio familiar.”

“Tive problemas com minha família, coisa grave, meu irmão deu uma força, ajudou todo mundo, hoje tá melhor, mas cheguei a pensar que eu não tinha direito de decepcionar meus pais.”

“Pra mim foi tudo bem, tenho meus amigos e eles são tudo, eu sou feliz do jeito que eu sou e não tem essa de vergonha, acho que só quando a pessoa sofre pra se aceitar.”

“Decidi morar com meus avós porque me sinto mais a vontade com eles, meus pais nunca me maltrataram por ser gay, mas tenho um sentimento estranho, pode ser vergonha. Acho que decepcionei.”

“Sempre fui apoiado então não tive vergonha .”

“Tive vergonha dos meus pais, mas isso é melhor hoje.”

“Acho que tem a ver com preconceito em geral, é um sentimento que numa hora ou outra veio.”

“O preconceito faz surgir vergonha.”

“Já achei que eu tinha um problema até entender que existe homo além de hétero e que ser hétero não é tão obrigatório assim, apesar do preconceito.”

Id9 Se considera-se uma pessoa melhor ou pior por conta da orientação (SOHomAm)

“Sinto que talvez eu tenha mais cabeça, porque não tenho preconceito, mas isso também veio da minha educação, sei lá, posso ser mais aberto talvez.”

“Acho que hoje que tô bem sou mais forte, mas aí não sei se seria uma pessoa melhor, acho é que eu tô finalmente melhor.”

“Nem melhor, nem pior, não penso se alguém é melhor ou pior por ser gay ou não.”

“Me sinto eu mesmo, sem diferença pela sexualidade.”

“Normal.”

“Não faz diferença mais hoje, estive mal numa época, passou e aí estou bem comigo mesmo.”

“Isso não é uma coisa que faça de mim alguém melhor, pior, como poderia? Eu tenho muitas outras coisas como características, mas sei que tem preconceito pela cabeça reduzida das pessoas.”

“Me sinto mais real agora, só isso, já falo muito disso com meus amigos e na terapia.”

“Sinto que eu sei de mim mais do que antes de buscar me entender. Minha família ajuda, a terapia, ir estudar o que eu tava a fim.”

“Posso ser mais aberto, mas como pessoa ser gay não muda meus valores, minha educação.”

“Não me acrescenta ser gay, talvez tenha experiências mais abertas, mesmo assim não mudo como ser humano.”

“Normal.”

“Pior porque passei por muita coisa e melhor porque enfrentei, mesmo com a depressão, eu só me trancava, chorava, não queria nada, foi horrível, aí sou melhor porque tá passando.”

“Normal, não muda quem eu sou com os outros, ou em situações, acredito no que acredito, isso não depende da sexualidade.”

“Bem.”

“Sou eu de sempre.”

“Não muda ser gay ou não.”

“Pra mim não tem isso.”

“Pode ter alguma diferença, mas não dá pra falar melhor ou pior não.”

“Me sinto normal comigo, as pessoas talvez achem melhor ou pior, mas pra mim sou eu e pronto.”

Id10 Id11 Se já foi discriminado pela orientação. Comentários (SOHomAm)

“No colégio quando tava na quarta série os meninos zoavam porque eu não jogava futebol, eu sei que eles diziam que eu era bichinha, não muito na minha cara, mas eles diziam e eu era mais sozinho, não tinha muito amigo, aí eu ficava mal.”

“Nossa sofri muito por isso, principalmente no colégio e no clube onde eu nadava, cheguei a dar um tempo da natação, que eu amo por causa de ser discriminado, hoje ninguém tira comigo e se tirar, vou fazer como se nada tivesse acontecendo.”

“Senti discriminação na infância, mas não posso dizer que era pela homossexualidade, nem eu sabia o que era isso, mas por ser diferente, mais na minha, acho que até delicado. Hoje lido melhor.”

“Não tem como não acontecer, pode ser mais grave ou não, mas o preconceito tá aí.”

“Humilhado por alguém não, não pareço gay, aquele do modelinho que todo mundo imagina. O que pode ser difícil e talvez discriminação é ter restrições na vida por causa do preconceito.”

“Isso é fato, há olhares, um julgamento, fofocas, mas tento não me abater, não achar que as coisas dão errado porque tenho preferência por homens, as coisas dão errado porque às vezes dão mesmo. Aprendi por realizar sonhos, ser gay não é condenação.”

“Comum, principalmente humilhado pelos olhares que julgam sem nenhum pudor, sem disfarçar mesmo. A gente imagina que seja julgamento negativo, mas já pensei até que tenha uns só curiosos, sei lá, isso tudo fica difícil às vezes.”

“O maior foi na família, acho que não posso ainda pensar muito nisso, eu mesmo acho que provoquei pra o meu pai saber e não sabia onde ia dar, a gente se suporta hoje e não sei se vai passar disso, tô me abrindo hein?”

“Pelo menos pelos próximos 50 anos ainda não dá pra escapar, tudo depende do ouvido que dá pra isso, do que você pensa de você, assim já dá pra viver de outro jeito que não fique em função da cena hétero que insiste num preconceito não só com homo.”

“Não sofri nada sério acho que porque não fui rejeitado, mas acho que vergonha por saber que ser gay não é o que se espera, parece que alguma coisa deu errado.”

“O choque das pessoas que esperavam outra coisa de você já é discriminação.”
“Quando estava com meu ex num restaurante, houve um burburinho, tavam falando da gente. Essa foi a vez mais evidente.”
“Fui discriminado na família mesmo, esse é o pior de discriminação na minha opinião.”
“Eu pessoalmente nunca vivi nada pesado, mas sei de amigos que até apanharam no estacionamento de uma boate hétero.”
“Tava na praia com meu namorado e uns caras tentaram intimidar, até xingaram de longe quando a gente decidiu sair fora.”
“Já tive amigos que quando perceberam que eu era gay se afastaram, eu mesmo não escondo.”
“Já me senti constrangido com a insistência do olhar das pessoas que ficam na dúvida se sou ou gay.”
“Foram várias situações.”
“Não é possível não passar por coisas difíceis e não escapa de ter sempre a opinião de julgamento das pessoas. O difícil mesmo é situação que tem família no meio.”
“Quando assumi na minha família teve todo tipo de reação, é uma família grande.”

Id12 O quanto a orientação atende às expectativas de amigos e familiares (SOHomAm)

“Com a família, quem é mais próximo tá na boa com isso, meus amigos de verdade também, os outros nem vou falar...”
“Sempre tem as influências do que acham de você, mas isso não pode te travar.”
“Isso já foi mais difícil, hoje pega às vezes porque os meus pais não sabem, ou fazem que não sabem, mas morando longe facilita.”
“Acho que tem contrariedades, mas fazer o que, me prender nisso?”
“Sei lá, eu tô bem com as pessoas de quem gosto, não sei se gostam ou não da vida que eu tenho, isso já é outra história.”
“Isso só eles sabem, eu tenho impressões, mas acho que prevalece um silêncio.”
“Não sei bem como todos reagiriam, dá pra imaginar que seria um stress.”
“Certeza que os planos eram outros.”
“A expectativa não deve ser de ter um filho veado por exemplo, mas aí a família decide lidar com isso bem ou não. Agora os amigos tem que ser amigos né? Se não tem afinidade não tem, se vive mais livre tá bom, mas se não então aí é que não tem expectativa.”
“É isso de parecer que deu errado, isso não dá pra negar, tem até pai que diz que prefere o filho morto do que gay. Essa não foi minha história, mas tem até um ditado pra isso.”
“Não precisa nem responder, você tem que assumir tudo, que é homo, que não vão gostar, que pode perder as pessoas por isso.”
“Hoje em dia acho que está a família toda mais na boa.”
“Tá claro que queriam outra coisa pra mim.”
“Isso é um problema sem solução, não consigo agradar todo mundo, tento ser uma pessoa bacana só isso, mais que isso é pedir demais.”
“Nunca que os pais querem que você seja gay.”
“Não fui julgado pela minha família, meu pai ficou um tempo caladão, mas já passou, então tem aceitação.”
“Ser gay não tá na expectativa de ninguém, nem de quem é.”
“Ninguém conta com a chance de ter alguém gay na família, ainda mais quando é um filho.”

“Mesmo que seja na sua cabeça só tem alguma influência. na maioria das vezes você tem que escolher se vai dar atenção ou não pra pensar o que os outros vão pensar.”

“Não agrado a todo mundo eu sei, mas sei que tenho outras características que aprendi a admirar em mim, meu irmão mais velho me ajudou muito nisso.”

Id13 Id14 Se as expectativas das pessoas influenciam na orientação (SOHomAm)

“Acho que se eu precisasse brigar pra viver como eu me sinto bem seria horrível, mas ia ter que fazer isso, não consigo ser aparência.”

“Tem problemas, umas paranóias, mas você tem que superar.”

“Não dá pra viver uma mentira, eu posso até não fazer uma reunião familiar pra me assumir, mas vivo como eu quero e acho que um dia vai surgir o assunto na família e eu não vou esconder nada.”

“Posso dizer que isso mexe comigo, trabalho com isso, mas estou melhorando.”

“Tenho a sorte de não ter autoritarismo por perto, minha educação foi bacana nessa área, não sinto que tenho que seguir algum modelo mais geral, como certo, ou mesmo achar que tem um jeito só de viver.”

“Aprendi a lidar, ser mais o que eu sinto e menos o que esperam, mas isso aí é tão difícil de cumprir que você sempre tem recaída.”

“Talvez quando eu era mais novo, uns 15 eu ficasse em dúvida de viver o que eu queria ou não, mas hoje isso não incomoda, só quando se trata de me expor, isso eu tento não fazer pra evitar problemas que eu não quero ter.”

“Ainda vou viver pensando nisso às vezes, agora é às vezes, mas já foi o tempo todo, as coisas melhoram quando estou viajando, ou com minha turma, vida difícil assim.”

“Sou privilegiado, isso não mexe comigo. Mexe sim se vejo que alguém se trava por medo de não agradar. Eu vou aprender que cada um escolhe o que quer, eu é que não deveria me incomodar, sei lá.”

“Posso viver do jeito que eu escolho.”

“Acho que eu não vivo o que querem que eu viva, mas me incomoda por exemplo, estar com meu namorado em lugares que posso encontrar alguém da minha família.”

“Vivo a minha vida do meu jeito.”

“Hoje eu me afirmo mais no que eu sinto.”

“Tenho liberdade que conquistei, não dou preocupação em casa, tô sempre de boa, aí me permito ter minha intimidade como eu preferir.”

“Quando passo muito tempo com meus pais sinto que fico me reprimindo.”

“Eu sei que posso levar minha vida como eu estivesse em busca de ser feliz como todo mundo.”

“Sinto liberdade comigo mesmo, apesar das expectativas serem outras.”

“Lido até que bem de saber que tem gente que julga mal, mas eu não deixo influenciar.”

“Parece que com o tempo você fica menos influenciado e age mais com o que você quer, hoje em dia eu vivo mais o que eu decido e fica mais fácil decidir pelo que deseja.”

“Hoje tá tudo melhor na minha cabeça, mas não era assim há uns 3 anos atrás quando veio tudo à tona.”

Id15 O que acha que faz com que uma pessoa seja homossexual (SOHomAm)

“Olha eu não sei e acho bobagem esses papos todos, cada um cheio de contradição, pode ser tudo o que falam, ou nada disso, não me importo muito hoje em dia, acho que pensava nisso quando tinha uns 12 anos, depois não.”

“Acho que dá pra pensar de várias formas, mas eu mesmo não sei dizer.”

“Acho que a família é um forte nisso, mas deve ter mais outras coisas com certeza.”

“Nunca pensei muito nisso, não é tão importante pra mim.”

“Acho que tem muitas coisas, inclusive a época do mundo, as experiências.”

“Acho que o ambiente, a sociedade, as oportunidades, a família e pode até ter tendência genética, não dá pra limitar.”

“A criação e as oportunidades, li um pouco sobre isso, posso estar influenciado.”

“Os fatos, as coisas na infância, acho que comigo foi assim.”

“Tantas coisas, acho até que são mais razões de um tipo pra uma pessoa, mais de outro tipo pra outras. É o que já imaginei de conversar com alguns amigos.”

“Não sei bem não, é assunto pra discussão sem fim.”

“Por enquanto não tenho uma hipótese.”

“Nunca quebrei a cabeça, mas tenho amigas que me perguntaram e eu não sei mesmo, talvez cada pessoa tenha um motivo, ou dois.”

“Não sei mesmo.”

“Acho que deve ter coisa assim meio psicológica envolvida, mas eu não sei discutir sobre isso, já li umas coisas, mas nada definitivo pra responder.”

“Deve ter a ver com a família, não sei, é tudo sempre família, deve ser nesse caso também.”

“Acho que tem influência da sociedade de hoje, mas deve ter outras coisas também, eu não saberia.”

“Acho que pra cada gay tem uma soma diferente de questões.”

“Não sei dizer.”

“Talvez possa relacionar com criação, mas a oportunidade, ter contato com pessoas mais liberais, que são gays ou não acham isso incomum pode despertar.”

“Acho que é soma de várias coisas, fora que tem elementos de cada pessoa.”

Id16 Como se relaciona com pessoas de orientação diferente da sua (SOHomAm)

“Nossa, meus amigos são a maioria hétero, eles não ligam, eu não ligo, isso é tão de boa, sempre tem os mais pops que nem interessam, mas vai tudo bem.”

“Se as pessoas são legais, elas são e pronto.”

“Super bem, isso hoje é numa boa, dá pra sacar quem é mais aberto mesmo não sendo gay.”

“Numa boa, tenho muitos amigos mesmo, mas os que sabem mais da minha vida são gays.”

“Normalmente, meus amigos são de lugares diferentes, não daria pra serem todos gays, eu também não me apresento assim quando conheço alguém, essa é uma pergunta hein! Gostei, porque muita gente vive mesmo presa.”

“Muito bem.”

“Sou super sociável, não tenho distinção de sexualidade pra ter amigos.”

“Me relaciono com quem acho que pode ser bom, não vou ficar na mira se perceber que tão me julgando.”

“Nossa eu tenho tantos conhecidos, gente de todo lado, amigos também, se fosse separar em hétero e homo ia dar trabalho e eu não ia poder garantir que cada um ficasse no mesmo time pra sempre.”

“Tenho colegas em lugares mais diferentes, ser gay não me impede de conhecer gente. É claro que os mais chegados são gays.”

“A maioria dos meus amigos são homo ou bi, mas tenho amigos que sabem de mim e não são gays.”

“Sou muito amigo, então acabo me relacionando com hétero e homo, tudo junto. Que bom, né?”

“Hoje a maioria dos meus amigos são bi.”

“Meus amigos são gays, lésbicas, bi, drags que eu também converso na balada.”

“A maioria são hétero ou bi.”

“A maior parte dos meus amigos são gays, mas tenho dois melhores amigos que não são.”

“Sou mais reservado, mas tenho amigos de orientação hétero e mais de orientação homo.”

“Meus melhores amigos são gays.”

“Os amigos mesmo acabam sendo mais os homo mesmo, mas convivo com muita gente e se é homo ou hétero, às vezes nem se sabe.”

“Tenho amigos de vários lados, lugares, é meio misturado mesmo, acho bom.”

Id17 Se acha que existe alguma orientação correta (SOHomAm)

“Claro que não, se você sabe do que sente, não pode se torturar porque tem uma regra de homem mulher, vale ser mais verdadeiro possível, é isso aí!”

“Não.”

“De jeito nenhum, mas as pressões tão sempre aí.”

“Não, as pessoas podem ser como quiserem, só que a maioria não consegue ver isso assim. Esse é o problema na minha opinião.”

“Nunca!”

“Isso seria uma condenação.”

“Não, não, acho que só o ultra reprimido responderia sim.”

“Se for só por mim, não tem o certo, mas eu não vivo sozinho.”

“Isso é fora de cogitação, nem vou dizer, o que eu já respondi, responde essa também.”

“Não existe um jeito perfeito, até o que é certo muda com o tempo.”

“Tô me livrando da ideia de que tenha o certo e errado.”

“Nem dá pra imaginar isso.”

“Não.”

“Cada ser humano é único, acho que isso responde.”

“Sou a favor da liberdade e do respeito só isso já tá bom.”

“O bem e o mal não deveria entrar na orientação sexual do ser humano.”

“Não, de jeito nenhum.”

“Isso não é possível, dá pra imaginar tudo, menos um certo ou errado, é mais julgamento moral, né?”

“Não de verdade.”

Id1 Como se define quanto à orientação sexual (SOHomAf)

“Tenho namorada.”
“Sou gay.”
“Tenho uma namorada.”
“Sou homo.”
“Sou gay.”
“Que coisa, não gosto da palavra, mas sou lésbica.”
“Sou gay.”
“Sou gay.”
“Eu falo que sou lesbian.”
“Posso falar que eu namoro uma menina.”
“Eu me coloco como homo, homossexual.”
“Sou gay.”
“Sou lésbica.”
“Me considero homossexual.”
“Defino minha sexualidade como homo.”
“Eu falo que eu sou homo, fica resumido assim.”
“Sou gay.”
“Gosto de meninas.”
“Sou lésbica.”
“Me considero homo.”

Id2 Desde que idade percebeu-se com tal orientação (SOHomAf)

“Isso é um pouco novo pra mim porque faz uns dois anos que me senti atraída por uma mulher pela primeira vez.”
“Me descobri com uns 16 anos.”
“Acho que sempre fui diferente.”
“Nasci assim.”
“Me descobri com uns 16 anos.”
“Eu não sei bem, eu devia ter uns 13 anos.”
“Me percebi com uns 18 anos.”
“Isso eu me toquei com uns 15 anos.”
“Eu vim pra esse planeta assim mesmo.”
“Comecei a entender o que eu sentia com mais ou menos 12 anos.”
“Acho que tinha 16 anos.”
“Nasci sabendo.”
“Desde bem cedo.”
“Só fui perceber com uns 15 anos.”
“Não sei te dizer direito, mas surgiu ainda pequena.”
“Eu me apaixonei por uma menina pela primeira vez com 14 anos.”
“Acho que eu sempre me senti assim.”
“Me percebi com uns 12 anos.”
“Acho que eu vim pra o mundo assim mesmo.”
“Pode ser que eu tenha me percebido com quase 12 anos, eu acho.”

Id3 Em que medida a orientação caracteriza uma pessoa (SOHomAf)

“As pessoas devem ter seu valor independente de aspectos parciais.”

“A orientação sexual é um pedaço da pizza.”

“Ninguém deveria dar tanta atenção pra esse tipo de coisa, cada um pode fazer o que se sente bem nessa parte. Eu não acho que eu incomodo de verdade alguém por ser gay, não prejudico os outros com isso.”

“Isso não define nada profundamente, ser hétero, homo, bi é parte mais superficial de quem você é mesmo na real.”

“Acho que ser gay pode marcar uma pessoa, aí seria definir porque pode ferrar com tudo por causa do sofrimento que o preconceito traz.”

“A sexualidade não pode fechar tanto assim o valor que vão te dar no mundo.”

“O preconceito tá sempre aí então você pode não se definir, mas alguém pode acabar te definindo porque você é ou não homo.”

“Depende de que você considera, se for como pessoas, os valores, não acho que deve ser diferente entre uma pessoa heterossexual ou homo, mas em outras coisas tem diferenças e outras coisas iguais.”

“A orientação define uma pessoa tanto quanto maior é o preconceito .”

“Eu pelo menos não separo as pessoas assim, mas tem gente que sim.”

“A orientação é considerada pela maioria, por esse aspecto tem uma definição sim, e pode não ser da boa.”

“As pessoas são só elas. A história toda é como te julgam, se dão tanta importância pra sexualidade, mas todo mundo dá.”

“A orientação é uma partezinha só.”

“Tem tanta coisa que define as pessoas, a sexualidade é uma delas.”

“Várias coisas viram foco pra definir, só que nunca define tudo de uma vez, é uma coisa em relação à outra. Agora se tá falando de preconceito é outra história, aí define mesmo.”

“Definir a pessoa não define, pode ser que você tenha ideias diferentes, vá em outros lugares.”

“Tem muitas coisas pra definir a pessoa, seria pouquíssimo considerar só a preferência sexual.”

“Não pode definir alguém por orientação, isso é estúpido, ninguém é um rótulo.”

“Não acho que só a sexualidade é o fundamental, tem tanta coisa mais importante, os valores por exemplo.”

“Só isso não define não, mas faz diferença na vida.”

Id4 Em relação ao gênero ao qual pertence, como se sente (SOHomAf)

“Super bem, gosto de ser bem mulher mesmo.”

“Bem.”

“Normal.”

“Sem problemas, sou meio moleca, mas OK.”

“Gosto de ser mulher.”

“Satisfeita.”

“Super bem.”

“Gosto de mim como eu sou.”

“Estou ok sendo mulher mesmo.”

“Perfeito.”

"Bem."
"Tudo ok."
"Gosto de como eu sou."
"Nossa, sou super mulherzinha."
"Tudo bem."
"Sou mulherzinha mesmo, gosto do mundo feminino delicadinho."
"Bem."
"Normal."
"Me sinto bem comigo nesse lado."
"Bem."

Id5 Id6 Se já sentiu orgulho quanto à orientação. Comentários (SOHomAf)

"Acho tudo estranho nisso de orgulho pra mim, mas as lutas políticas acabam incentivando isso, faz um sentido assim."
"Como nunca me envolvi com movimento, esse orgulho nunca me veio."
"É importante o orgulho gay por causa de preconceito, não tenho orgulho porque tenho namorada, o orgulho é por conseguir ser mais assumida mesmo."
"Acho nada a ver orgulho de ser gay, é meio babaca isso."
"Não vejo razão pra orgulho nem se tratando de política, direitos, direitos são direitos e pronto."
"Acho o ativismo por direitos humanos, porque esse deveria ser o foco dos movimentos gays, isso é importante, mas o orgulho é pela luta política. Eu não me orgulho de ser homo, nem tenho desprezo hoje."
"É bom ter gente que represente a busca por direitos, isso é muito importante."
"Não encontro razão pra ter orgulho, não me ligo muito nessas ideias do orgulho gay, não reprovo, mas não tem a ver comigo."
"Tem que ter gente com peito pra brigar a favor de igualdade dos direitos e essas pessoas me orgulham porque fazem mais ainda do que se assumirem."
"Não curto ficar exaltando a comunidade gay."
"Nada a ver na minha opinião."
"Respeito movimentos políticos, admiro, mas esse sentimento não tenho."
"Não me orgulho da minha sexualidade não, isso lá é motivo, me orgulho se passar num vestibular em medicina, aí pode ser, bem justificado."
"Sou feliz por ser assumida com as pessoas próximas, isso é difícil, mas não tenho orgulho pela orientação."
"Eu admiro o movimento gay."
"Não fiz nada pra ser gay, não posso me orgulhar, nada a ver."
"É só uma coisa da vida de um indivíduo, não é pra ter orgulho, não concordo com isso."
"É bom que tenha busca por direitos civis, isso é de se orgulhar, mas não me orgulho porque eu sou homo, isso não."
"Acho uma coragem quem participa de movimento, porque a pessoa realmente assumi tudo e ainda luta por todos."
"Quando eu era bem novinha achava o máximo as paradas gay, mas foi só nessa fase, agora não."

Id7 Id8 Se já sentiu vergonha quanto à orientação. Comentários (SOHomAf)

“Vergonha é um sentimento difícil de eu sentir, ainda mais com relacionamentos, mas nunca se sabe, minha vida sexual é muito privada.”

“Na adolescência se tem vergonha do que pode causar ser muito diferente da maioria, fica um segredo mesmo e envolve vergonha por um tempo.”

“A vergonha eu senti quando algumas amigas começaram a falar de mim por trás, eu fui meio que condenada, me senti muito mal, não me achava errada, mas cheguei a pensar nisso quando perdi essas pessoas.”

“Já me senti mal com discriminação, agora vergonha não porque eu nunca pensei que eu estava errada, fiquei até estranha, confusa com tudo, mas eu mesma não sentia como errado.”

“Acho que vergonha foi com o meu pai, ele ficou chocado quando soube de mim.”

“Como eu me achava a única menina a gostar de meninas, eu tinha vergonha, achava que era uma coisa que poderia estar errada.”

“A maior vergonha veio de mim mesma, porque quando algumas pessoas ficaram sabendo acho que ficaram menos surpresas do eu mesma.”

“Hoje eu digo que a vergonha que eu já senti veio de eu imaginar o que pensavam de mim, ao mesmo tempo que eu tinha noção de que era isso que eu sentia e que não era vergonhoso.”

“Até eu começar a ter amigos gays eu me isolava e tinha vergonha de sentir tão estranha, isso foi até uns 14 anos.”

“Acho que não passei por isso, já fiquei triste com algumas pessoas, com raiva, mas vergonha eu tenho, mas de outras coisas.”

“Me critiquei por um tempo, vergonha só se eu tivesse feito um crime, sei lá.”

“Acho que eu sabia sempre que tinha uma coisa diferente em mim, quando foi ficando mais claro, com uns 7 anos, eu era do futebol, do skate, não foi tão complicado.”

“Eu fiquei em algumas vezes sem graça quando encontrei de repente pessoas que nunca imaginavam que eu era gay, em situações super claras disso.”

“Não me sinto tão oprimida.”

“Quando a maioria é de um jeito e você não é maioria, parece que você tá errado, aí vem vergonha.”

“Eu sempre tive cabeça, não fui julgada pela família, isso ajuda em tudo.”

“Me senti estranha quando tive que abrir pra minha mãe acho que tive vergonha porque imaginava que iria decepcionar muito, mas nem foi tanto afinal, ela acabou me ajudando.”

“Sempre me envergonhei de mim em várias coisas, era muito quieta, mas quando achei que eu era esquisita porque estava gostando de uma menina, aí tive vergonha muito muito forte, foi quando fui ficando mal e aí só pior.”

“Me envergonhei quando souberam de mim, a família, tive problemas sérios com a minha irmã e com minha mãe, elas me magoaram muito, isso foi complicado, eu era muito nova e nem sabia direito o que estava acontecendo, meu pai e meus tios me ajudaram.”

“Fiquei com problemas em casa, na família, porque todos são é bem tradicionais, foi um choque pra mim também, eu não sabia que eles tinham essa cabeça, só o meu pai eu já sabia.”

Id9 Se considera-se uma pessoa melhor ou pior por conta da orientação (SOHomAf)

“Não mudo por causa da sexualidade.”

“Bom, eu sou eu de qualquer jeito, é a mesma coisa.”

“Eu sou uma pessoa aberta pra tudo, mas não sei se é por ser gay, sei lá.”

“Eu posso ser homo hétero e não me muda no mais profundo, na personalidade por exemplo.”

“Sou eu sempre, não tem grande coisa de diferente, muda a vida se assumir, mas não você por dentro.”

“Me conheço assim como sou hoje desde sempre, não acho que muda.”

“A minha vida amorosa faz com que eu seja feliz, aí desse ponto eu posso ser até uma pessoa melhor, mas não é porque eu sou homo.”

“Eu me sinto feliz sendo o que eu sou, vivendo sem ficar me julgando.”

“Sou melhor porque aceito até o fato das pessoas acharem que tem um jeito certo de viver, se você não chega nesse ponto, fica achando que tudo é com você, e muitas vezes é coisa deles, não tem a ver com a minha pessoa.”

“Talvez eu vá ficando mais madura mais rápido, porque você tem que se virar pra viver algumas situações, agora acho que eu sou eu só.”

“Na minha vida tudo caminhou ao mesmo tempo, amadureci e comecei a ter relacionamento com meninas tudo junto.”

“Eu sei que sou desse jeito mesmo, adoro gente, não consigo sacar como eu posso ser melhor, pior.”

“Felizmente eu não fico me definindo como gay pra todo mundo, isso me faz sentir eu mesma, não pode ser melhor ou pior.”

“Me sinto eu e é isso.”

“Não posso falar que sou pior, melhor por ser gay, sou como todo mundo.”

“Me sinto normal, acho que me sinto eu, nunca pensei se era melhor que alguém por gostar de meninas.”

“Sou verdadeira, sou mais sem preconceito, sei lá se isso for ser uma pessoa melhor, acho que eu sou assim porque passei por sofrimento por ser gay, pensando desse jeito sou até melhor.”

“Posso achar que eu estou melhor hoje em dia, mas não que eu sou uma pessoa melhor que outra porque eu sou lésbica, eu tive que virar a mesa senão iria afundar de vez, assim hoje eu sei da minha força.”

“Hoje em dia tá mais fácil, não dá pra dizer se eu sou pior ou melhor, só que eu consigo viver melhor comigo mesma, pros outros se sou melhor eu não sei e tento não me prender nisso.”

“Tem partes que nunca mudam numa pessoa, acho assim.”

Id10 Id11 Se já foi discriminado pela orientação. Comentários (SOHomAf)

“Depende do lugar você percebe que as pessoas reparam e param pra te olhar, olha que eu sou discreta.”

“Quando era mais nova eu gostava daquela coisa de chocar, sabe, aí fui bem discriminada, hoje sou discretíssima, é chato, mas dá pra se adaptar.”

“A pior foi com amigas mesmo, parecia que eu era um monstro.”

“É tudo bem difícil, isso aqui não é paraíso, tá todo mundo prestando atenção em todo mundo, o big brother é exemplo, imagina na vida real, aí vão olhar julgando quem tá de fora do normalzinho. Sem desmerecer, mas não é o certo, nem o errado.”

“Acho que não poder demonstrar carinho em público é já discriminação, e é não poder que fica sub-entendido.”

“Já teve milhares de situações, nem consigo lembrar, é que de uns anos pra cá fui me desligando disso, até não notar.”

“Sempre se ouve alguma gracinha de um cara aqui ou ali. Os olhares mesmo até não me mexem muito.”

“Vivi uma situação muito complicada quando minha prima veio me contar dos comentários na família que estavam fazendo sobre mim, isso foi pesado, eu preferiria nem ter sabido.”

“Isso é foda, eu me controlo bem, mas tá sempre acontecendo.”

“Nunca passei por discriminação por aí já vi acontecer com outras pessoas, sou mais caseira.”

“Houve amigas que se afastaram, nem sei se foi isso.”

“A sociedade deixa uns pra dentro e outros pra fora, se você ficou pra fora, pode ser discriminação, mas não é tão básico assim, acho que discriminação envolve se sentir diminuído, sei lá.”

“Só de haver tantas complicações quando uma pessoa decide se assumir, ou quando quer demonstrar carinho em público, isso me pega bem mesmo.”

“Nunca fui pessoalmente discriminada, já estive perto.”

“Já me senti observada, daquele jeito que cochicham sobre você.”

“Não ter liberdade de ficar com a minha namorada como todo mundo é difícil, acho que viver essa situação é passar por discriminação.”

“Já me senti reprimida quando tinha que inventar que tinha um namorado e não uma namorada pras pessoas, essa é uma situação triste, acho que discrimina indiretamente.”

“Já fui motivo que sarro, de bullying, primeiro porque eu era bem tímida e depois quando espalharam que eu era sapatão no colégio, foi a pior discriminação.”

“Passei horrores em casa mesmo, fora de casa foi até mais fácil de lidar, hoje eu não sinto tanto o preconceito, eu amadureci e lido melhor.”

“Tudo começa na família, o resto não é tão forte não, o que sempre vai durar é a barreira da família, isso me faz sofrer.”

Id12 O quanto a orientação atende às expectativas de amigos e familiares (SOHomAf)

“Acho que não devo pensar muito nisso porque é óbvio que não agrada muita gente.”

“Já passei por julgamento de pessoas próximas, a gente sabe que é bem difícil.”

“Ninguém quer que o filho seja homossexual, rola um conflito, decepção.”

“Tenho uma família bem boa, nunca me reprovaram nesse sentido, fica mais fácil assim, pode ter certeza.”

“Eu não posso ser responsável pela satisfação das pessoas não.”

“Dentro da minha família tem respeito, aceitação, amor de verdade, assim, mãe e irmãos, agora fora eles, alguém quase sempre te julga.”

“Eu sei que cada um vai ter sua versão de tudo. Eu não posso me encaixar.”

“Só vai mesmo ficar numa boa quem pode me amar e respeitar, aí infelizmente você vai ficando mais perto de uns e distanciando de outros.”

“Eu não sei bem as expectativas, mas nunca conseguiria satisfazer tudo, nem sendo hétero.”

“Provavelmente eu não agrado em tudo não.”

“Presto mais atenção no que eu quero.”

“Eu sou muito, muito sortuda de ter gente aberta bem na minha família, aí as expectativas dos outros são dos que importam, mas não são os mais importantes. Essa é a grande coisa na minha vida, eu sei disso.”

“As pessoas nunca apitaram muito no que eu faço, apenas pouquíssimas.”

“Já não ligo se vou ser legal ou não.”

“Nem penso nisso.”

“Acho que posso ser oposto do que gostariam, mas as pessoas que me veem assim, ou não me entendem, ou têm problemas com preconceito, mas ok.”

“Não ligo pras expectativas de todo mundo.”

“Hoje tá bem, nem tento pensar nas expectativas mais.”

“Eu sei que decepcionei, mas viver como querem que eu viva é muito egoísmo das pessoas.”

“Eu não sou bem do jeito que queriam, acho que eles nem sabiam o que era isso, acho que eu mais do que decepcionei, mas não posso resolver isso pra todo mundo, só com algumas pessoas, né?”

Id13 Id14 Se as expectativas das pessoas influenciam na orientação (SOHomAf)

“Desse mal eu não sofro não.”

“Eu consigo fazer as coisas do meu modo.”

“Não chega a mudar a minha vida, mas também não é super de boa ter namorada.”

“Sempre considero muito quem eu amo, mas eu faço o que é pra ser feliz.”

“Não me baseio no que pensam mais.”

“Sinto liberdade na vida.”

“Como eu falei eu não fico tentando me encaixar.”

“Não me incomodo muito mais com o que imagino que possam falar de mim, mas fica uma tensão em certos momentos. Deixar de fazer o que quero, isso não acontece.”

“Consigo ficar mais na minha sem influência dos outros.”

“Às vezes é punk, mas eu tento sempre ver o que eu quero mesmo.”

“Sei que tem horas complicadas, mas eu não mando no que eu sinto.”

“Posso levar tudo como eu decido.”

“Consigo realizar quase tudo.”

“Não sinto uma influência forte pra tomar decisões amorosas, consigo ser mais livre.”

“É tranquilo viver como eu gosto, me faço feliz.”

“Agradeço porque nem todo mundo se aceita e tem gente que ame que também aceitam eles, a minha vida fica sendo sem obstáculo pra namorar.”

“Consigo ser mais honesta comigo e vou a luta.”

“Eu tenho conseguido escolher mais pelo que eu quero, é difícil em certos tempos.”

“Tô sendo mais calma com tudo, às vezes bate confusão, só que eu já sei que fazer o que eu quero é que me faz feliz de verdade.”

“Ainda tenho dificuldade, tudo se mistura na minha cabeça e eu fico confusa, mas também me encontro. É um desafio.”

Id15 O que acha que faz com que uma pessoa seja homossexual (SOHomAf)

“Olha que estou mais relaxada de saber causas, mas é uma pergunta difícil.”

“Não sei responder, as explicações todas têm um sentido.”

“Acho que todo mundo é único.”

“Pode ser até genético, mas não se sabe.”
“Ai, posso deixar essa?”
“Pode ser mais pra criação, as relações com os pais, simpatizo mais com esse jeito de pensar.”
“Acho que a família pode ser uma parte da resposta.”
“Deve ser a soma de várias coisas. Acho que tem também que ver a história de cada um.”
“Ninguém consegue responder isso não.”
“Olha, eu não sei te falar.”
“Não tem um jeito de explicar todos os casos, as variações.”
“Pode ter de tudo no meio, situações, história, experiência.”
“Acho que a maior parte vem da criação e das chances que surgem na vida, ocasiões talvez.”
“Não consigo definir certamente.”
“Pode ser a história de cada pessoa, o momento de vida.”
“Ninguém vai chegar numa conclusão então o meu palpite é de que se for ver caso a caso vai encontrar muitas explicações, mas tudo individual.”
“Tenho mais tendência a pensar que a família tem relação com a sexualidade.”
“Acho que a família, pai e mãe tem tudo a ver, com certeza.”
“Pode ter influência genética, dos relacionamentos, tudo vai ter relação com a sua história também.”
“A orientação tá mais ligada com a família do que outra coisa, genético eu não acredito não.”

Id16 Como se relaciona com pessoas de orientação diferente da sua (SOHomAf)

“Meus amigos são de todo lugar e de épocas, não teria divisões de subgrupos.”
“Tenho muitos amigos gays. Mas são menos héteros do que gays.”
“Tenho mais amigos gays, hétero só alguns, mas são poucos.”
“Com tanto que sejam legais tenho amigo de toas as “cores”.”
“Todos que são bacanas podem ser amigos um dia, não vou separar por times.”
“Tenho muitos amigos e poucos são hétero, principalmente mulheres.”
“Me sinto bem com pessoas do bem.”
“Me relaciono bem com grande parte das pessoas, já amizade, acho que me abro mais com as minhas amigas gays.”
“Se é gente legal não ligo pra orientação.”
“Gosto de gente desencanada, é isso.”
“Me relaciono normalmente.”
“Sou muito arroz de festa.”
“Quase da mesma forma que com pessoas homossexuais. às vezes tem mais afinidade.”
“Naturalmente, como com todo mundo, só não me abro de cara.”
“Normal, mas tenho mais amigos que são gays.”
“Me relaciono bem.”
“Me abro mais com amigos homo.”
“Tenho amigos mesmo que são homo, mas alguns poucos que são hétero.”
“Me dou bem com todo mundo, mesmo sendo meio fechada, só que me abro com amigas homo também, é mais fácil sempre.”
“Sou tímida, mas tenho amigos que não são gays, mas sempre são poucos amigos, gays ou não. “

Id17 Se acha que existe alguma orientação correta (SOHomAf)

“Obviamente que isso não é possível.”

“Não acho que tenha não.”

“Isso seria bem preconceito.”

“Pra mim não existe orientação certa não.”

“Quem pode dizer que existe uma coisa certa nesse aspecto?”

“Não tem não, ser feliz é a orientação.”

“Cada um com a sua versão.”

“Eu não acho que tenha.”

“Você é que define isso.”

“Nossa, claro que não.”

“Não há.”

“Eu acredito que não haja.”

“Não existe.”

“Acho que não tem isso.”

“Não.”

“Sem restrições, esse assunto é muito muito pessoal, não dá pra certo ou errado.”

“Não existe.”

“Nossa nem poderia ter isso.”

“Essa divisão exclui demais, aí ela não deve existir, a gente chega lá.”

“Isso é uma guerra na cabeça de todo mundo. Com o tempo vai tudo ficar mais flexível, é o que eu acho pelo menos.”

5.4 Análises Qualitativas

- As narrativas emblemáticas foram eleitas para análise por conta de sua representatividade no “corpus narrativo”.
- As análises trazem apenas apontamentos sobre as evidências identificadas nas narrativas. As interpretações desenvolvidas junto a bibliografia são expostas na discussão da tese.

IRaho5 Definição Deus (SOHomAm)

“Deus é pra mim uma força interior que cada pessoa pode usar ou não, sem pensar assim que seja uma pessoa, não acho isso.”

“Deus é uma energia.”

“Entendo Deus como energia, mesmo sendo católico.”

IRaho5 Definição de Deus (SOHomAf)

“Pra mim é uma força.”

“Deus é o universo todo.”

“Deus é a energia me mantêm o universo.”

IRahet5 Definição Deus (SOHetAm)

“Acredito em energia, mas não num Deus de uma história.”

“Não sei explicar, mas pode ser uma lei que regula tudo, sei lá.”

“É como uma energia.”

IRahet5 Definição Deus (SOHetAf)

“Deus é pessoal, não tenho como definir o meu, por exemplo.”

“Pra mim é energia.”

“Deus tá ligado ao regimento universal, a tudo que pertence ao mundo.”

As narrativas anteriores, extraídas de todos os sub-grupos do estudo, demonstram a ideia de despersonalização de Deus, o que denota o caráter pessoal das definições dadas. É possível sugerir que os sujeitos vivenciam a religiosidade de modo individual, mas mantêm conceitos semelhantes, que podem ser atribuídos ao fato de estarem inseridos no mesmo contexto sócio-cultural.

IRaho14 Se já foi discriminado por conta da denominação religiosa (SOHomAm)

“Nunca passei por nenhum problema por religião, não sei se acontece, talvez se a pessoa for muito fanática.”

“Não acho que eu tenho que abrir pra todo mundo no que eu acredito, isso não se discute, não é?”

“Esse é um assunto mais pessoal, só converso com algumas pessoas e nem é um assunto que eu toco muito.”

IRho14 Se já foi discriminada por conta da denominação religiosa(SOHomAf)

“É tranquilo não ter uma definição sobre isso.”

“Não penso que alguém possa te criticar porque você acredita em qualquer coisa.”

“Acho que cada um tem a religião ou nenhuma religião, não é tão necessário saber isso, eu acho.”

IRhet14 Se já foi discriminado por conta da denominação religiosa (SOHetAm)

“Acho até que ninguém sabe muito em que as pessoas acreditam.”

“Acho que a religião é bem pessoal, nem sabem que religião eu tenho.”

“Cada um pode ter a religião que bem entender, né?”

IRhet14 Se já foi discriminada por conta da denominação religiosa (SOHetAf)

“Não falo de religião com ninguém.”

“Às vezes tem conversas sobre religião, mas tem respeito com o que cada um pensa, tenho amigos abertos.”

“Hoje não tem muito que se discrimine pela religião entre o pessoal mais jovem, é um assunto na boa.”

Novamente todos os sub-grupos apresentam semelhança, demonstrando o caráter privado que atribuem à religião, além da liberdade individual quanto à crença, transformando a experiência sócio-cultural em íntima, assim como ocorre no fenômeno do “individualismo religioso” (Wilcox, 2000).

Apesar deste termo ter sido criado por Dufour (2000) ao estudar a identidade de um grupo religioso minoritário, nesta interpretação faz-se uma ampliação de seu uso. Tal fenômeno encontra-se aqui como um marcador da liberdade de experiência religiosa experimentada por esses adolescentes.

Id5 Id6 Se já sentiu orgulho quanto à orientação. Comentários (SOHomAm)

“Pra mim nem tem orgulho, não tem nem da nacionalidade, eu também não faço parte de movimento gay.”

“Orgulho não mesmo, mas admiro os movimentos contra o preconceito, isso sim, acho muito bom.”

“O orgulho é pelos homo que se assumem mesmo com os problemas que podem ter, mas orgulho por ser isso ou aquilo não tenho.”

“Acho bacana se assumir, é disso que sinto orgulho porque não é simples pra todo mundo, isso pode virar até violência, mas também acho desnecessário ficar por aí anunciando que é gay, é meio ridículo.”

Id5 Id6 Se já sentiu orgulho quanto à orientação. Comentários (SOHomAf)

“Não encontro razão pra ter orgulho, não me ligo muito nessas ideias do orgulho gay, não reprovo, mas não tem a ver comigo.”

“Não fiz nada pra ser gay, não posso me orgulhar, nada a ver.”

“É importante o orgulho gay por causa de preconceito, não tenho orgulho porque tenho namorada, o orgulho é por conseguir ser mais assumida mesmo.”

“Respeito movimentos políticos, admiro, mas esse sentimento não tenho.”

O tema do “orgulho gay” é abordado pelos sujeitos pela via da individualidade. Notam-se referências ao orgulho de conseguir assumir a homossexualidade, apesar do preconceito, mas não há identificação direta com a ideia de orgulho por pertencimento a um grupo minoritário. O sentimento de pertença política não parece atrair os sujeitos, embora a importância do movimento político não seja ignorada.

Id7 Id8 Se já sentiu vergonha quanto à orientação. Comentários (SOHomAm)

“Tenho uma família legal, a gente não fica fofocando ou se metendo na vida dos outros, acho que isso é tudo!”

“Quando os meninos me xingavam, fiquei mal mesmo, fui aguentando, aguentando e não queria falar pros meus pais, até que não queria mais sair de casa, sempre achava que alguém ia me zoar.”

“Sempre surge a sensação de estar errado, de vir a envergonhar alguém da família. No meu caso meu pai, mas nós lidamos com isso com discrição e ele tem outros motivos pra se orgulhar de mim, já talvez eu ser homo não agrade.”

“Senti vergonha do meu irmão mais velho quando sacou tudo, mas depois passou.”

Id7 Id8 Se já sentiu vergonha quanto à orientação. Comentários (SOHomAf)

“Na adolescência se tem vergonha do que pode causar ser muito diferente da maioria, fica um segredo mesmo e envolve vergonha por um tempo.”

“Acho que vergonha foi com o meu pai, ele ficou chocado quando soube de mim.”

“Eu sempre tive cabeça, não fui julgada pela família, isso ajuda em tudo.”

“Me senti estranha quando tive que abrir pra minha mãe acho que tive vergonha porque imaginava que iria decepcionar muito, mas nem foi tanto afinal, ela acabou me ajudando.”

É notável a referência à família, ao medo de decepcionar. Provavelmente o medo da própria família sentir-se envergonhada por ter um filho homossexual. É nesse sentido que os sujeitos tomam pra si a vergonha que supõe causarem no outro, introjetando-a e desenvolvendo um sentimento de menos valia, que pode ou não ser confirmado quando decidem se assumir perante a família ou o grupo de amigos (Alberti, 2008).

Id1 Como se define quanto à orientação sexual (SOHomAm)

“Sou gay.”
“Sou homossexual.”
“Homo.”

O modo como os SOHomA masculinos se denominaram quando questionados sobre sua orientação sexual revelou a posição identitária que assumiram a partir das representações e discursos sobre a homossexualidade masculina.

Id1 Como se define quanto à orientação sexual (SOHomAf)

“Tenho namorada.”
“Sou gay.”
“Sou homo.”
“Que coisa, não gosto da palavra, mas sou lésbica.”
“Eu falo que sou lesbian.”
“Posso falar que eu namoro uma menina.”
“Eu me coloco como homo, homossexual.”
“Sou lésbica.”
“Gosto de meninas.”

A diversidade de modos de auto-definição quanto à homossexualidade das adolescentes leva automaticamente, à obscuridade no meio social, da homossexualidade entre as mulheres, além da tolerância e permissividade de tais relações ao longo da história (Butler, 2003; Therborn, 2006 e Eribon, 2008).

Conseqüentemente, identifica-se menos representatividade das mulheres homossexuais em movimentos sociais, sugerindo que a identidade coletiva seja menos coesa, permitindo maior fluidez até mesmo nos termos utilizados para a auto-identificação.

Id3 Em que medida a orientação caracteriza uma pessoa (SOHomAm)

“Não penso uma pessoa pela sexualidade dela, isso é reduzido.”

“Depende de como você se vê, eu não acho que muda tanto, mas talvez seja diferente porque você geralmente tem problemas.”

“Não posso achar que alguém é bacana ou não pensando na sexualidade, cada um sabe de si e eu nem sei se isso deve estar no menu.”

“Não julgo por aí, eu sei que tem julgamento, mas tento não ser assim.”

Id9 Se considera-se uma pessoa melhor ou pior por conta da orientação (SOHomAm)

“Sinto que talvez eu tenha mais cabeça, porque não tenho preconceito, mas isso também veio da minha educação, sei lá, posso ser mais aberto talvez.”

“Acho que hoje que tô bem sou mais forte, mas aí não sei se seria uma pessoa melhor, acho é que eu tô finalmente melhor.”

Id3 Em que medida a orientação caracteriza uma pessoa (SOHomAf)

“A sexualidade não pode fechar tanto assim o valor que vão te dar no mundo.”

“O preconceito tá sempre aí então você pode não se definir, mas alguém pode acabar te definindo porque você é ou não homo.”

“Depende de que você considera, se for como pessoas, os valores, não acho que deve ser diferente entre uma pessoa heterossexual ou homo, mas em outras coisas tem diferenças e outras coisas iguais.”

“A orientação define uma pessoa tanto quanto maior é o preconceito .”

Id9 Se considera-se uma pessoa melhor ou pior por conta da orientação (SOHomAf)

“Talvez eu vá ficando mais madura mais rápido, porque você tem que se virar pra viver algumas situações, agora acho que eu sou eu só.”

“Na minha vida tudo caminhou ao mesmo tempo, amadureci e comecei a ter relacionamento com meninas tudo junto.”

Identificam-se nas narrativas, desde a concepção de igualdade entre as pessoas, como tentativa de combater preconceitos e estigmas, a noção da

existência do preconceito inerente à diferença numa sociedade predominantemente heretossexual, até a percepção de que a orientação homossexual pode proporcionar aos sujeitos experiências de vida que farão destes diferentes em alguns aspectos.

Id10 Id11 Se já foi discriminado pela orientação. Comentários (SOHomAm)

“Comum, principalmente humilhado pelos olhares que julgam sem nenhum pudor, sem disfarçar mesmo. A gente imagina que seja julgamento negativo, mas já pensei até que tenha uns só curiosos, sei lá, isso tudo fica difícil às vezes.”

“O maior foi na família, acho que não posso ainda pensar muito nisso, eu mesmo acho que provoquei pra o meu pai saber e não sabia onde ia dar, a gente se suporta hoje e não sei se vai passar disso, tô me abrindo hein?”

“Pelo menos pelos próximos 50 anos ainda não dá pra escapar, tudo depende do ouvido que dá pra isso, do que você pensa de você, assim já dá pra viver de outro jeito que não fique em função da cena hétero que insiste num preconceito não só com homo.”

“Fui discriminado na família mesmo, esse é o pior de discriminação na minha opinião.”

Id12 O quanto a orientação atende às expectativas de amigos e familiares (SOHomAm)

“Com a família, quem é mais próximo tá na boa com isso, meus amigos de verdade também, os outros nem vou falar...”

“Sempre tem as influências do que acham de você, mas isso não pode te travar.”

“Isso já foi mais difícil, hoje pega às vezes porque os meus pais não sabem, ou fazem que não sabem, mas morando longe facilita.”

Id10 Id11 Se já foi discriminado pela orientação. Comentários (SOHomAf)

“É tudo bem difícil, isso aqui não é paraíso, tá todo mundo prestando atenção em todo mundo, o big brother é exemplo, imagina na vida real, aí vão olhar julgando quem tá de fora do normalzinho. Sem desmerecer, mas não é o certo, nem o errado.”

“Vivi uma situação muito complicada quando minha prima veio me contar dos comentários na família que estavam fazendo sobre mim, isso foi pesado, eu preferiria nem ter sabido.”

“Passei horrores em casa mesmo, fora de casa foi até mais fácil de lidar, hoje eu não sinto tanto o preconceito, eu amadureci e lido melhor.”

“Tudo começa na família, o resto não é tão forte não, o que sempre vai durar é a barreira da família, isso me faz sofrer.”

Id12 O quanto a orientação atende às expectativas de amigos e familiares (SOHomAf)

“Acho que não devo pensar muito nisso porque é óbvio que não agrada muita gente.”

“Já passei por julgamento de pessoas próximas, a gente sabe que é bem difícil.”

“Ninguém quer que o filho seja homossexual, rola um conflito, decepção.”

“Tenho uma família bem boa, nunca me reprovaram nesse sentido, fica mais fácil assim, pode ter certeza.”

A menção ao impacto do preconceito que ocorre dentro do grupo familiar dos sujeitos faz-se presente tanto nestas narrativas, quanto nas do estudo anterior com adultos. A questão da rejeição ou aceitação da família demonstra ter impacto nos sujeitos de modo geral.

Id13 Id14 Se as expectativas das pessoas influenciam na orientação (SOHomAm)

“Acho que se eu precisasse brigar pra viver como eu me sinto bem seria horrível, mas ia ter que fazer isso, não consigo ser aparência.”

“Tem problemas, umas paranóias, mas você tem que superar.”

“Não dá pra viver uma mentira, eu posso até não fazer uma reunião familiar pra me assumir, mas vivo como eu quero e acho que um dia vai surgir o assunto na família e eu não vou esconder nada.”

Id13 Id14 Se as expectativas das pessoas influenciam na orientação (SOHomAf)

“Consigo ser mais honesta comigo e vou a luta.”

“Eu tenho conseguido escolher mais pelo que eu quero, é difícil em certos tempos.”

“Tô sendo mais calma com tudo, às vezes bate confusão, só que eu já sei que fazer o que eu quero é que me faz feliz de verdade.”

As narrativas revelam a facilidade de expressão dos sujeitos quanto ao esforço, sofrimento e obstáculos na busca de viverem menos vulneráveis às expectativas das pessoas.

Id15 O que acha que faz com que uma pessoa seja homossexual (SOHomAm)

“Acho que dá pra pensar de várias formas, mas eu mesmo não sei dizer.”

“Acho que a família é um forte nisso, mas deve ter mais outras coisas com certeza.”

“Nunca pensei muito nisso, não é tão importante pra mim.”

“Acho que tem muitas coisas, inclusive a época do mundo, as experiências.”

“Acho que o ambiente, a sociedade, as oportunidades, a família e pode até ter tendência genética, não dá pra limitar.”

“A criação e as oportunidades, li um pouco sobre isso, posso estar influenciado.”

“Os fatos, as coisas na infância, acho que comigo foi assim.”

Id15 O que acha que faz com que uma pessoa seja homossexual (SOHomAf)

“Pode ter de tudo no meio, situações, história, experiência.”

“Acho que a maior parte vem da criação e das chances que surgem na vida, ocasiões talvez.”

“Não sei responder, as explicações todas têm um sentido.”

“Acho que todo mundo é único.”

“Pode ser até genético, mas não se sabe.”

Ressalta-se o fato de diversas respostas aparecerem nessas narrativas, algumas delas contendo mais de uma explicação, o que difere dos resultados obtidos no estudo com os adultos homossexuais.

Id16 Como se relaciona com pessoas de orientação diferente da sua (SOHomAm)

“Nossa, meus amigos são a maioria hétero, eles não ligam, eu não ligo, isso é tão de boa, sempre tem os mais pops que nem interessam, mas vai tudo bem.”

“Nossa eu tenho tantos conhecidos, gente de todo lado, amigos também, se fosse separar em hétero e homo ia dar trabalho e eu não ia poder garantir que cada um ficasse no mesmo time pra sempre.”

“Tenho colegas em lugares mais diferentes, ser gay não me impede de conhecer gente. É claro que os mais chegados são gays.”

“A maioria dos meus amigos são homo ou bi, mas tenho amigos que sabem de mim e não são gays.”

Id16 Como se relaciona com pessoas de orientação diferente da sua (SOHomAf)

“Tenho muitos amigos e poucos são hétero, principalmente mulheres.”

“Me sinto bem com pessoas do bem.”

“Quase da mesma forma que com pessoas homossexuais. às vezes tem mais afinidade.”

“Naturalmente, como com todo mundo, só não me abro de cara.”

“Normal, mas tenho mais amigos que são gays.”

Embora os SOHomA estudados não restrinjam as interações sociais com SOHet, também não se constroem ao demonstrar que suas identificações e laços significativos se dão com outros SOHom.

Id17 Se acha que existe alguma orientação correta (SOHomAm)

“Claro que não, se você sabe do que sente, não pode se torturar porque tem uma regra de homem mulher, vale ser mais verdadeiro possível, é isso aí!”

“Sou a favor da liberdade e do respeito só isso já tá bom.”

“O bem e o mal não deveria entrar na orientação sexual do ser humano.”

“Não, de jeito nenhum.”

“Isso não é possível, dá pra imaginar tudo, menos um certo ou errado, é mais julgamento moral, né?”

Id17 Se acha que existe alguma orientação correta (SOHomAf)

“Sem restrições, esse assunto é muito muito pessoal, não dá pra certo ou errado.”

“Não existe.”

“Nossa nem poderia ter isso.”

“Essa divisão exclui demais, aí ela não deve existir, a gente chega lá.”

“Isso é uma guerra na cabeça de todo mundo. Com o tempo vai tudo ficar mais flexível, é o que eu acho pelo menos.”

Considerando o estudo com homossexuais adultos e com os adolescentes encontra-se semelhança nas narrativas dessa questão. Apesar de supor-se que o primeiro grupo tem sua identidade psicossocial mais centrada em sua orientação homossexual do que o segundo grupo, essa semelhança aponta para a suposição de que os SOHom que assumem sua orientação estabelecem uma representação positiva da homossexualidade, desvincilhando-se do certo ou errado, apesar do preconceito social, o que pode tornar-se um fator positivo para a saúde mental dos sujeitos (Ceara e Dalgalarrodo, 2009).

6. DISCUSSÃO

Não é recente o interesse da ciência pelo estudo do desenvolvimento da sexualidade humana, particularmente, das relações homossexuais, suas manifestações e comportamentos. Desde os estudiosos que antecederam os “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade Infantil” de Freud (1905), seguidos das surpreendentes pesquisas de Kinsey e seus colaboradores em 1948 e 1953, a sexualidade em suas diversas expressões têm chamado a atenção de distintas áreas do conhecimento, assim como têm se tornado pauta política recorrente. Nesse sentido, os estudos sobre o tema, realizados por pesquisadores da área da saúde mental têm apresentado desenvolvimento notável, não só visando produzir conhecimento sobre as minorias sexuais, mas a partir deste criar intervenções eficazes na promoção da saúde mental desta população.

As pesquisas sobre a disparidade da saúde mental de SOHom em comparação com SOHet, têm incluído a investigação de dimensões sócio-culturais, em busca de contextualizar os resultados sobre a prevalência de transtornos mentais. Em tais estudos, assim como na presente pesquisa, os resultados quanto as dimensões sócio-culturais, embora relevantes não foram tomados como fatores determinantes na saúde mental dos sujeitos, em uma perspectiva causal direta e simplificada. Tais dimensões foram antes consideradas possíveis fatores de risco, no caso do preconceito e discriminação, e como fatores de resiliência em relação a um contexto social hostil a orientação homossexual.

Comparação geral dos resultados deste estudo com seu precursor e bibliografia revisada

Para a realização desse estudo e de seu precursor procedeu-se a revisão bibliográfica internacional, no sentido de se identificar estudos os mais próximos possíveis em relação a presente investigação, em termos sobretudo de desenho metodológico. O fato de não haver estudos empíricos sobre homossexualidade e saúde mental no meio acadêmico brasileiro tornou os estudos internacionais, apesar do diferente contexto sócio-cultural, como material de base para a estruturação das duas pesquisas (mestrado e doutorado), sobretudo ao que concerne à discussão e interpretação dos dados originais obtidos.

Assim, foram eleitos autores que investigaram a saúde mental de SOHom adultos, adolescentes e de ambos os gêneros. Em todos os estudos revisados os sujeitos incluídos foram identificados como homossexuais através de auto-denominação. Desse modo, também na presente pesquisa e , assim como na anterior, a definição da orientação homossexual não esteve baseada em comportamentos, mas na subjetividade e auto-percepção dos sujeitos.

Na bibliografia revisada, nem todas as pesquisas trabalharam com grupo controle, e investigaram qualidade de vida ou religiosidade. No entanto, como todos os autores buscaram estudar a prevalência de transtornos mentais em homossexuais, a maioria deles tinha como objetivo secundário compreender a partir de dados qualitativos, o quanto a discriminação e o preconceito estariam relacionados com a prevalência de transtornos mentais nesta população.

Embora a pesquisa anterior e a atual tenham investigado diversas dimensões a partir de suas amostras, estas não puderam conter o mesmo número de sujeitos que compuseram alguns dos estudos internacionais. Tal fato se deu pela dificuldade de recrutamento dos sujeitos, somando-se ao fato das entrevistas individuais na presente pesquisa terem sido de longa duração (aproximadamente 90 minutos) e de terem sido realizadas apenas pela pesquisadora responsável.

A representatividade da amostra estudada pode ser questionada, já que se trata de método de captação dos sujeitos da pesquisa do tipo “bola de neve”. Em se tratando de uma condição ainda envolta em preconceitos e tabus, não seria exequível outro método. Assim, tem-se consciência de que os dados da presente pesquisa não podem ser generalizados para a população geral de adolescentes com orientação homossexual, exprimindo seguramente bem mais o perfil de adolescentes de classe média alta. Também a comparação com os estudos internacionais deve ser feita com muita cautela, considerando-se que os presentes resultados são, em última análise, concernentes apenas para pessoas com o perfil semelhante ao dos os grupos investigados.

Ao considerar que todas as entrevistas foram conduzidas pela mesma pesquisadora, com formação e experiência clínicas, verificou-se ao longo desses

anos de pesquisa um aperfeiçoamento e facilitação para a realização das entrevistas. Porém, quanto à realização das análises dos dados obtidos, certamente o envolvimento de outros pesquisadores e a existência de mais interlocutores seria muito positivo, considerando o potencial de enriquecimento que a diversidade nas interpretações dos dados traz para uma linha de investigação.

Enfim, considerando as características desse estudo em relação aos internacionais (Russell e Joyner, 2001; Paul et al. 2002; Rutter e Soucar, 2002; Remafedi, 2006; Marshal et al, 2008; Hammack et al, 2009 e Saewyc, 2011), apesar de algumas poucas diferenças, os resultados obtidos são, no geral, semelhantes, principalmente no que se relaciona à maior prevalência de transtornos mentais em SOHomA em relação ao grupo controle.

A prevalência aumentada também confirmou-se no estudo anterior, com sujeitos adultos. Também foi verificada maior busca por serviços de saúde mental pelos sujeitos do grupo de estudo, comparados aos do grupo controle. Quanto à qualidade de vida, do mesmo modo que em algumas das pesquisas internacionais, não foi encontrada associação entre a prevalência de transtornos mentais e qualidade de vida. Isto causa certa surpresa, já que essas duas dimensões, qualidade de vida e presença de transtornos mentais, geralmente se correlacionam. Possivelmente os transtornos mentais verificados não são suficientes para interferir na qualidade de vida, ou outros fatores não identificados aqui ajam como efeito neutralizador.

Como um dos resultados relevantes, tem-se a associação entre o sentimento de vergonha da orientação e a pior saúde mental, corroborando a afirmação encontrada na bibliografia, de que a discriminação pela orientação sexual seria um fator de risco associado à prevalência de transtornos mentais (Frankowski, 2004; Williams, 2004; Meckler et al, 2006; Remafedi, 2006; Elze, 2007; Busseri et al, 2008; Saewyc, 2011).

A religiosidade dos sujeitos de ambos os estudos mostrou-se correlata a de pesquisas internacionais. Isto se refere principalmente ao fenômeno do

“individualismo religioso”, demonstrando o desenvolvimento identitário dos SOHomA, que apesar de não se referirem à denominações religiosas como os adultos do outro estudo, não apresentaram dificuldades relevantes nas dimensões das identidades de orientação sexual e religiosa.

A identificação do “individualismo religioso” nesta pesquisa se deu em ambos os grupos, estudo e controle. Isso indica que o fenômeno não tem função de negociação identitária específica para os SOHomA, mas sim de construção individualizada quanto à crença e experiência de religiosidade, o que também ocorre com os SOHetA.

No entanto, os resultados do estudo anterior demonstraram o status de estratégia identitária contida no “individualismo religioso”, pois as narrativas dos SOHom adultos revelaram conflitos entre as identidades homossexual e religiosa, que não apenas levaram a sofrimento psíquico, como foram incentivo para a vivência de uma “religiosidade seletiva”, ou seja, negociada pelos próprios sujeitos, aceitando alguns dogmas e rejeitando outros (Dufour, 2000).

Previamente, os estudos de Wilcox, (2002 e 2003) com sujeitos homossexuais adultos já demonstrara a importância do fenômeno. A autora investigou membros da UFMCC Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches, instituição religiosa americana que tem entre seus fiéis, muitos homossexuais. Identificou-se que para os SOHom desta denominação o “individualismo religioso” permitiu a resolução de conflitos entre as identidades homossexual e religiosa.

Sobre os resultados específicos relacionados à religiosidade e identidade psicossocial

A partir da disseminação de outras denominações religiosas, além da católica no Brasil, constituiu-se uma abertura de escolha da própria religiosidade, que parece ter autorizado os adolescentes estudados, independentemente da orientação sexual, a “customizar” suas experiências religiosas, ou seja, transforma-las em algo pessoal e individual, apesar do compartilhamento de algumas de suas crenças religiosas com o meio social.

Desse modo, considerando a “crise de identidade” (Erikson, 1970) apontada por Hall (1993 e 2005) como fenômeno social marcante na contemporaneidade, os sujeitos desse estudo demonstraram um descolamento das referências culturais, que a partir da década de 50 (considerado início da pós-modernidade) sofreram transformações que abalaram a ancoragem estável da vida social. Embora a pós-modernidade tenha produzido conflitos, questionamentos e levado ao processo chamado por Hall (1993 e 2005) de “fragmentação das paisagens culturais”, supõe-se que a adolescência na atualidade já responda de um modo minimamente articulado à tal fragmentação, isto é, partindo para a construção multifacetada da identidade, que é concebida assim como um fluido reflexo das experiências que constituem os sujeitos ao longo da vida.

Considerando os resultados quanto ao pertencimento dos dois grupos dessa pesquisa à denominações religiosas, nota-se que a maioria não tem religião, embora afirme crer em Deus. Analogamente ao fato dos sujeitos adolescentes não pertencerem à denominações, também foi notável a recusa dos mesmos em se identificarem com categorizações sexuais que os incluíssem em um grupo particular.

Tal fato foi demonstrado durante o recrutamento dos SOHomA e também dos SOHetA. Como a participação na pesquisa estava condicionada à auto-identificação do adolescente como homossexual ou heterossexual, diversos sujeitos, embora motivados a participar, não foram incluídos por conta de não se definirem claramente quanto à orientação sexual. A não definição aqui deve ser compreendida pelo fato de alguns sujeitos se considerarem bissexuais e outros não desejarem definir-se de modo a serem incluídos em um dos grupos, homossexual, heterossexual ou bissexual.

A partir daí, compreendeu-se que um dos fatores associados ao comportamento desses sujeitos não incluídos, reside na complexidade presente na etapa de vida em que se encontram, levando em conta a desconstrução

externa e interna, em forma de atitudes, questionamentos e novas identificações ocorrentes na adolescência (Carreteiro, 2010).

Porém, tomando os adolescentes como porta-vozes do contexto sócio-cultural em que estão inseridos, a “não-identidade” surge como possibilidade de tomar a experiência da sexualidade como um devir criativo, através do qual modalidades de relação são reinventadas. Além da experimentação sexual possível ao longo da adolescência, o uso do corpo transforma-se em possibilidade de vivenciar o prazer que não se reduz à orientação sexual ou ao próprio sexo praticado (Foucault, 1994).

Um dos aspectos presentes nos resultados qualitativos sobre identidade, diz respeito à tentativa dos sujeitos de apropriarem-se de si, isto é, de buscarem a unidade de si perdida na infância, o “si próprio”. Estando o corpo a ocupar um tal lugar para o sujeito, que assemelha-se a um aparato através do qual são experimentados limites ainda provisórios, só são encontrados por meio das relações que o adolescente escolhe estabelecer (Carreteiro, 2010).

Sobre os sentimentos de orgulho e vergonha da orientação

A categorização da orientação sexual não parece atrativa aos SOHomA, no sentido de não ser uma representação prioritária de suas identidades psicossociais. Desse modo, apesar de os sujeitos desse estudo terem se identificado como homossexuais, através da observação participante, percebeu-se que a diversidade de orientação sexual dentro dos grupos de amigos não barra a construção de laços de amizade.

Ao considerarmos a ideia de representação social de Woodward (2000), como práticas de significação que constroem sistemas simbólicos, posicionando os sujeitos no meio social, o modo como os SOHomA narraram sua relação com o “orgulho gay” ressalta sua possibilidade de lidar com as identidades individual e coletiva. Isso demonstra que falam de si a partir de distintos lugares construídos pela representação social da homossexualidade, presentes em seu contexto sócio-cultural.

A partir das narrativas sobre o orgulho dos SOHomA quanto à orientação homossexual não foi identificada diferença entre os gêneros. Contudo, destaca-se a não identificação dos adolescentes aqui estudados com o chamado “orgulho gay”, como movimento político do qual poderiam sentir-se parte integrante. Isto é distinto do que foi identificado no estudo com adultos, no grupo de homossexuais masculinos. Já que o outro gênero, no mesmo estudo, apresentou visão crítica e de rejeição com relação à luta política.

Os SOHomA reconheceram o papel social do movimento, mas não identificaram-se com ele. As narrativas expuseram uma reflexão sobre a afirmação dos sujeitos homossexuais através da identidade sexual. Como se essa afirmação pudesse tornar-se aprisionante, uma vez que toma o “todo pela parte”, marcando um lugar social preso à representação da homossexualidade como centro da identidade dos sujeitos (Foucault, 1994; Davis, et al, 2009).

As narrativas sobre o sentimento de vergonha da orientação apresentaram ênfase nas relações familiares, na possibilidade de decepcionar como motivo para sentir vergonha da orientação. No entanto, sentir-se envergonhado por algo de si depende do que imagina-se que o outro pode sentir com relação ao objeto da vergonha.

Dessa forma a vergonha de si pode ser internalizada não só através da reação do outro, mas da suposição da decepção do outro, ou mesmo da fantasia realizável de que a orientação homossexual dentro da família seja motivo de vergonha (Carreteiro, 2010).

Nesse caso, de acordo com a perspectiva teórica de Erikson (1970), a relação dialética entre o SOHomA e o mundo externo é fundamental no desenvolvimento da identidade, demonstrando o papel do suporte familiar, no modo como os SOHomA lidarão com a orientação, ficando mais ou menos vulneráveis à internalização da homofobia, ao sofrimento psíquico e ao potencial de desenvolvimento de transtornos mentais (Mays e Cochran, 2001; Banks, 2003; Meyer, 2003; Skegg, 2003; Mc Andrew e Warne, 2004, Espelage, et al, 2008; Saewyc, 2011).

Identificou-se nesta pesquisa o papel do suporte da família para a construção da identidade psicossocial. A relação familiar foi salientada como suporte positivo no momento em que o sujeito se assumi gay, assim como houve relatos da dificuldade de outros a partir da rejeição familiar. Tal fato também encontra-se no trabalho de Saewyc (2011), em um artigo de revisão sobre fatores preditores de risco e de resiliência para a saúde mental de minorias sexuais adolescentes.

Sobre o termo utilizado pelos SOHom para se definirem quanto a orientação sexual.

O fato das denominações masculinas e femininas serem narradas semelhantemente não deve ter tomado ingenuamente, como conclusão simplista de que todos pensam o mesmo de si e de suas orientações sexuais. No entanto, considerando a dimensão social presente nas auto-identificações, pode-se aventar a presença de uma noção essencialista nos termos “gay” e “homo”, revelando a reivindicação de uma identidade coletiva, mas reificada.

No caso dos sujeitos estudados, o processo social da manutenção da identidade é salientado partindo-se da diferença em relação ao outro (Woodward, 2000), ou seja, quem não é “gay” ou “homo”, logo não pertence ao grupo identitário, nem compartilha, teoricamente, das mesmas práticas e relações sociais.

Embora o modelo de formação de identidade grupal pela diferença e pelo contraste esteja sempre presente nesses fenômenos grupais, apenas a diferença entre os sujeitos não é a base fundante das identidades produzidas pela inclusão por semelhança e exclusão pela diferença. Atualmente, outros fatores como contexto sócio-cultural e econômico e os processos subjetivos devem ser considerados no desenvolvimento identitário das minorias sexuais.

As noções essencialista e construcionista do desenvolvimento identitário abrem uma discussão útil para o âmbito do presente estudo, pois propõe a unidade da identidade (aspecto essencialista) em convivência com a fluidez da

mesma (aspecto construcionista), o que resulta nas identidades multifacetadas e contraditórias, tratadas por Bauman (2005), Hall (2005) e Eribon (2008).

Quanto as auto-denominações das adolescentes, como destaca Butler (2003) as mulheres homossexuais foram historicamente pouco “interpeladas” pelo discurso social a “performar” , em sua posição no mundo, uma representação rígida quanto a sua sexualidade. O contrário do que se deu com os homens homossexuais. Assim, a variação nos modos de auto-identificação das mulheres e homens aponta para o modo como a sexualidade feminina e masculina vem sendo representada historicamente (Theborn, 2006 e Eribon, 2008).

Ao serem questionados sobre o quanto a orientação sexual torna caracteriza uma pessoa, comparando os SOHomA e os SOHom adultos entrevistados no estudos anterior (dissertação de mestrado da pesquisadora), nota-se no estudo anterior a homogeneidade das narrativas, ressaltando a tentativa de negar qualquer diferença entre homossexuais e heterossexuais. O que teve função de, através da ideia de igualdade, minimizar o preconceito. Já os sujeitos do presente estudo não se fixaram em discursos combativos, mas expressaram lógicas diversas sobre a questão proposta. É útil considerar o conceito de Russel, Clarke e Clary (2009), de uma geração “pós-gay”, que vem se descolando da fixação de categorias e modelos sexuais, dispensando práticas e discursos baseados em essencialismos, estigmas e representações sociais cristalizadas da sexualidade.

Quando questionados sobre o quanto ser homossexual pode fazê-los pessoas diferentes, os adolescentes estudados expressaram abertamente suas dificuldades e sofrimentos pelo fato de serem homossexuais. Afirmando que tais experiências subjetivas pode torna-los diferentes.

Comparando os SOHom (adultos) estudados anteriormente, notam-se narrativas de afirmação da homossexualidade, demonstrando superação quanto ao preconceito e sofrimentos passados. Assim, supõe-se que a faixa etária esteja relacionada a distintos momentos de construção da identidade, resultando em diferentes modos de lidar com o preconceito quanto a homossexualidade.

É possível que a amostra estudada tenha a percepção de um contexto sócio-cultural permeado por referências sociais menos estáticas quanto às modalidades da sexualidade, o que é promovido pela inserção desses adolescentes na internet, onde no mínimo descobrem, criam e reinventam os possíveis significados de suas experiências subjetivas (Shittine, 2008).

A diversidade das respostas para a “causa da homossexualidade” neste estudo, em comparação com o estudo anterior, chama atenção para as explicações dos adolescentes como multifacetadas, além de serem respostas que enfatizam a incerteza das explicações que fornecem. Assim, supõe-se que os SOHomA estudados estão menos implicados em obter respostas conclusivas sobre a questão proposta. Enquanto que os adultos investigados anteriormente apresentaram narrativas baseadas em afirmativas contundentes de que: “nasce-se homossexual”, “é genético com certeza” e ainda, “sei que isso veio da minha relação com a família”.

Segundo Woodward (2000), a definição de identidade inclui reivindicações, através de afirmações que caracterizem ou expliquem algo sobre ela. No presente estudo foi possível identificar uma tendência ao modelo identitário “construcionista”, ou seja, a presença de várias “causas” para a homossexualidade, sem que a questão fique resolvida, fechada pelas respostas, indicando uma lógica multifatorial no desenvolvimento da identidade sexual, o que opõe-se à concepções essencialistas .

As narrativas do estudo com os adultos transmitiram conclusões sobre a homossexualidade, tendendo a tal essencialismo. É possível que explicações essencialistas sobre a homossexualidade sejam melhores aceitas socialmente, uma vez que colocam o sujeito homossexual numa posição passiva, quase vitimizada por ter sido “privado” da escolha de sua orientação sexual. Embora esse modo de conceber a homossexualidade seja bastante questionável, se convocarmos áreas de conhecimento como a psicologia, psicanálise, antropologia social e a sociologia para elucidar a questão, ainda assim tal modo exerce função

de argumento contra o preconceito, o que não quer dizer que seja, de fato eficaz e satisfatório (Ghorayeb e Dalgalarondo, 2007).

Quando os SOHomA afirmam relacionar-se com SOHetA, ainda assim enfatizaram o fato das amizades mais próximas acontecerem com outros adolescentes homossexuais. Tratando-se da adolescência, que como fase do desenvolvimento baseia-se em seu caráter gregário (Costa et al, 2004; Alberti, 2008; Marra e Costa, 2010), os sujeitos dessa pesquisa demonstraram a importância das identificações a partir dos laços que estabelecem com seus “iguais”.

Os considerados “iguais” têm papel de inventar o lugar do “nós” na teia das identificações, ou seja funcionam como sustentação necessária para que as identificações ocorrentes no imaginário dos sujeitos, criem um alinhamento comum (Butler, 1990, 2003). Uma vez constituído o “nós” os sujeitos se autorizam à experiências significadas e simbolizadas no grupo, o que permite a convivência com a diferença sem que esses sujeitos sejam privados da continência que lhes é essencial no desenvolvimento adolescente.

A partir da continência necessária nesta fase, o papel do grupo familiar quanto à homossexualidade tem sido investigado e discutido em diversos estudos (Lam et al 2004; Rew et al 2005; Birkitt et al 2009; Ryan et al 2009; Saewyk et al 2009). Nesse sentido, a criação de programas de intervenção em comunidades escolares tem incluído campanhas informativas sobre as minorias sexuais, com intuito de combate ao *bullying*, de oferecer orientação às famílias de SOHomA e atendimento psicológico aos mesmos. Porém, ainda não é possível avaliar tais programas, pois os poucos estudos longitudinais de acompanhamento das populações atendidas tiveram início nos últimos cinco anos (Busseri et al 2008 e Dimond, 2008).

Enfim, pode-se concluir que a presente pesquisa possibilitou a continuidade de uma linha de estudos sobre a homossexualidade e saúde mental, que necessita de maior investimento e conseqüente expressividade no meio acadêmico brasileiro. Constata-se a demanda pelo desenvolvimento de pesquisas

qualificadas sobre o tema em nosso contexto sócio-cultural, para que intervenções tanto na formação dos profissionais de saúde minimamente aptos para lidar com minorias sexuais, quanto pela melhora da eficácia de serviços de saúde mental em relação à tal grupo, no sentido de que as pesquisas acadêmicas possam ao final, de uma forma ou outra, implicar em avanços na qualidade dos cuidados oferecidos.

7. CONCLUSÃO

Primeiramente, pode-se afirmar que os objetivos deste estudo foram cumpridos, assim como as hipóteses formuladas no projeto inicial e ao longo da realização da pesquisa. Nesse sentido, foi possível comparar os resultados obtidos com os estudos internacionais sobre o tema investigado, encontrando correspondência de resultados, apesar dos estudos terem sido realizados em diferentes contextos sociais.

A partir de tais resultados comparou-se o presente estudo com seu precursor, destacando semelhanças e diferenças quanto ao impacto do preconceito sobre a saúde mental, qualidade de vida e modo de experienciar a religiosidade. Verificou-se diferentes influências dos diferentes gêneros nas interpretações dos sujeitos sobre aspectos do desenvolvimento da identidade psicossocial.

Destacou-se o papel da família e o modo como esta lida com a orientação homossexual, na forma como os SOHomA lidam com o sentimento de vergonha da orientação e o potencial processo de internalização da homofobia. Desse modo, evidenciou-se o sentimento de vergonha como fator de risco para a saúde mental da população estudada.

Certamente tem-se a necessidade da continuidade de estudos brasileiros sobre o tema desta tese. Mais além, trabalhos futuros que investiguem a relação complexa e dialética entre aspectos específicos da construção identitária na pós-modernidade e sua relação com a saúde mental de SOHomA, poderão potencializar o desenvolvimento de intervenções apropriadas e eficazes na formação educacional na área da saúde, além de promover um debate qualificado e integrador de diversas áreas do saber acadêmico sobre o tema da homossexualidade.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, C. H. N. **Estudo da Vida Sexual do Brasileiro**. São Paulo, Bregantini, 2004.

ALBERTI, S. **O Adolescente e o Outro** Rio de Janeiro Jorge Zahar Editores, 2008.

ALMEIDA, J., JOHNSON, R. M., CORLISS, H. L., MOLNAR, B. E., e AZRAEL, D. **Emotional distress among LGBT youth: The influence of perceived discrimination based on sexualorientation**. J Youth and Adolescence, 38, 1001–1014, 2009.

AUSTIN, S. B., CONRON, K. J., PATEL, A., e FREEDNER, N. **Making sense of sexual orientation measures: Findings from a cognitive processing study with adolescents on health surveyquestions**. J LGBT Health Research, 3, 55–65, 2007.

AUSTIN, S. B., ROBERTS, A. L., CORLISS, H. L., e MOLNAR, B. E. **Sexual violence victimization history and sexual risk indicators in a community-based urban cohort of “mostly heterosexual”and heterosexual young women**. American Journal of Public Health, 98, 6, 1015–20, 2004.

BANKS, C. **The Cost of Homophobia: Literature Review on the Human Impact of Homophobia on Canada**. Community University Institute for Social Research-Printing Services University of Saskatchewan, 2003.

BARBERO, G. H. **Homossexualidade e Perversão na Psicanálise: uma resposta aoGay and Lesbian Studies**, São Paulo. Casa do Psicólogo, 2005.

BAUMAN, Z. **Identidade** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2005.

BERLAN, E. D., CORLISS, H. L., FIELD, A. E., GOODMAN, E., AUSTIN, S. B. **Sexual Orientationand Bullying Among Adolescents in the Growing Up Today Study**. J Adolescent Health 46: 4, 366-71, 2010.

BIRKITT, M., ESPELAGE, D. L., e KOENIG, B. **LGB and questioning students in schools: The moderating effects of homophobic bullying and school climate on negative outcomes.** J Youth and Adolescence, 38, 989–1000, 2009.

BOURDIEU, P. **Distinction: a social critique of judgement of taste.** Cambridge: MA, Harvard University Press, 1984.

BUSSERI, M. A., WILLOUGHBY, T., CHALMERS, H., e BOGAERT, A. F. **On the association between sexual attraction and adolescent risk behavior involvement: Examining mediation and moderation.** Developmental Psychology, 44, 69–80, 2008.

BUTLER, J. **Bodies that Matter.** London: Routledge, 1990.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

CARRETEIRO, T. C. **Adolescências e experimentações possíveis.** In Temas da Clínica do Adolescente e da Família. São Paulo, Ágora, 2010.

CEARA, A. e DALGALARRONDO, P. **"Saúde mental, identidade, qualidade de vida e religiosidade em homossexuais na maturidade e velhice"** Dissertação de mestrado do Depto. De Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM-UNICAMP, 2009.

COCHRAN, N. B.; STEWART, A J.; GINZLER, J. A.; CAUCE, A M. **Challenges Faced by Homeless Sexual minorities: Comparison of Gay, Lesbian, Bisexual, and Transgender Homeless Adolescents with Heterosexual Counterparts,** Am J Public Health, 92: 5, 2002.

COCHRAN, S. D. e MAYS, V. **Lifetime prevalence of suicide symptoms and affective disorders among men reporting same-sex sexual partners.** American J of Public Health, 90, 573-8, 2001.

COSTA F. J. **A Face e o Verso Estudos sobre o Homoerotismo II.**São Paulo, Escuta, 1995.

COSTA F. J. **A inocência e o vício: Estudos sobre o Homoerotismo.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.

COSTA, A.; BACKES, C.; RILHO, V.; OLIVEIRA, L. F. L. **Adolescência e Experiências de Borda** Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004.

D`AUGELLI, A R. **Mental Health Problems among Lesbian, Gay and Bisexual Youths Ages 14 to 21.** Clinical Child Psychology and Psychiatry 7: 3, 433-56, 2002.

D`AUGELLI, A R. **Stress and Adaptation among Families of Lesbian, Gay, and Bisexual Youth: Research Challenges,** J GLBT Family Studies 1: 2, 2005.

DAVIS, S.T.; SALTZBURG, S.; LOCKE, C. R. **Supporting the emotional well being of sexual minority youth: Youth ideas for action.** Children and Youth Services Review, 31:9, 1030-1040, 2009.

DIAMOND, L. M. **Female bisexuality from adolescence to adulthood: Results from a 10-year longitudinal study.** Developmental Psychology, 44, 5–14, 2008.

DUFOUR, L. R. **Sifting through tradition: The creation of Jewish feminist identities.** J Scientific Study of Religion 39:90-106, 2000.

ELZE, E. D. **Research with Sexual Minority Youth: Where do we go from here?** J Gay and Lesbian Social Services, 18: 2, 2007.

ERIBON, D. **Reflexões Sobre a Questão Gay** Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2008.

ERIKSON, E. **Identidade, Juventude e Crise.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

ESPELAGE, D. L., ARAGON, S. R., BIRKETT, M. **Homophobic Teasing, Psychological Outcomes, and Sexual Orientation Among High School Students: What Influence Do Parents and Schools Have?** School Psychology review, 37:2, 202-16, 2008.

FERGUSON, D. M. **Is sexual orientation related to mental health problems and suicidality in young people?** Arch of General Psychiatry, 56(10): 876-80, 1999.

FLEMING, T. M., MERRY, S. N., ROBINSON, E. M., DENNY, S. J., e WATSON, P. D. **Self-reported suicide attempts and associated risk and protective factors among secondary school students in New Zealand.** Australian and New Zealand JPsychiatry, 41, 213–221, 2007.

FLOYD, F. J., e STEIN, T. S. **Sexual orientation identity formation among gay, lesbian and bisexual youths: Multiple patterns of milestone experiences.** Journal of Research on Adolescence, 12, 167–191, 2002.

FOUCAUL, M. **The social triumph of the sexual will: a conversation with Michel Foucault.** In Dits et écrits IV. Gallimard, 1994.

FOUCAULT, M **An Interview: sex, power, and the politics of identity.** In Dits et écrits IV. Gallimard, 1994.

FRANKOWSKI, B. L. **Sexual Orientation and Adolescents.** Pediatrics 113: 6, 2004.

FREUD, S. **Three essays on the theory of sexuality.** The Standard edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, vol. 7, 123-246. London, Hogarth, 1905.

FRIEDMAN, M. S., SILVESTRE, A. J., GOLD, M. A., MARKOVIC, N., SAVIN-WILLIAMS, R. C., HUGGIS, J. **Adolescents define sexual orientation and suggest ways to measure it.**Journal of Adolescence, 27, 303–317, 2004.

GAROFALO, R.; WOLF, C.; WISSOW, L. S.; WOODS, E. R.; GOODMAN, E. **Sexual Orientation and Risk of Suicide Attempts Among a Representative Sample of Youth.** Arch Pediatr Adolesc Med. 153: 487-93, 1999.

GAROFALO, R.; WOLF, R. C.; KESSEL, S.; PALFREY, J.; DURANT, R. H. **The Association Between Health Risk Behavior and Sexual Orientation Among a School-Based Sample of Adolescents.** Pediatrics 101: 5, 895-902, 1998.

GHORAYEB, D. B. e DALGALARRONDO, P **Homosexuality and Mental Health in a Brazilian Socio-Cultural Context.** Int J Soc Psychiatry September 57: 496-500, first published on June 30, 2010, London, King's College, 2011.

GHORAYEB, D. B. e DALGALARRONDO, P. **Saude mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial nas homosexualidades.** Dissertação de Mestrado do Depto. de Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM-UNICAMP, 2007.

GRIFFYHS, B. et al. **Religious orientation and attitudes towards homosexuality: afunctional analysis-** Australian J of Psychology 53(1): 12-7, 2001.

HALL, S. **The question of cultural identity,** in: S. Hall, D. Held e T. McGrew. Modernity and its futures. Politic Press/Open University Press, 1993.

HAMMACK, P. L., THOMPSON, E. M., e PILECKI, A. **Configurations of identity among sexual minority youths: Context, desire, and narrative.** Journal of Youth and Adolescence, 38, 867–883, 2009.

HARTMANN, L. **Homosexuality-** American Journal of Psychiatry 147(4): 518-9, 1990.

HEGNA, K.; WICHSTROM, L. **Suicide Attempts among Norwegian Gay, Lesbian and Bisexual Youths** Acta Sociologica, 50: 1, 21-37, 2007.

ISAY, R. A. **Tornar-se Gay O Caminho da Auto-Aceitação**. São Paulo, Summus Edições GLS, 1998.

JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

KERTZNER, M. R. **Being Homosexual**- American J of Psychiatry 147(4): 520, 1990.

KING, M. e BARLLETT, A. **British Psychiatry and homosexuality**- British of Psychiatry 175: 106-13, 1990.

KING, M. **Mental Health and Quality of Life of Gay Men and Lesbians in England andWales**. The British J of Psychiatry, 183 2003.

KINSEY, A. C., POMEROY, W. B., MARTIN, C. E. **Sexual Behavior in the HumanMale**. Saunders, Philadelphia, 1948.

KINSEY, A. C., POMEROY, W. B., MARTIN, C. E., GEBHARD, P. H. **Sexual Behavior in the Human Female**. Saunders, Philadelphia, 1953.

KRAFFT-EBING, R. F. V. **Psychopathia Sexualis** in Saewyc, M. E. **Research on Adolescence, Sexual orientation, Health Disparities, Stigma, and Resilience**. J Reasearch on Adolescence 21, 1, 256-72, 2011.

KRAJEZKI P. J. **Cultural considerations in the psychiatric care of gay men andlesbians**- Culture, Ethnicity and Mental Illness 180: 554-570, 1990.

LAM, T. H., STEWART, S. M., LEUNG, G. M., LEE, P. W., WONG, J. P. **Depressive symptoms among Hong Kong adolescents: Relation to atypical sexual feelings and behaviors, gender dissatisfaction, pubertal timing, and family and peer relationships**. Archives of Sexual Behavior, 33(5), 487–496, 2004.

MARRA, M. M. e COSTA, L. F. **Temas da Clínica do Adolescente e da Família** São Paulo Ágora, 2010.

MARSHAL, M. P., FRIEDMAN M. S., STALL, R., KING, K. M., MILES, J., GOLD, M. A . **Sexual orientation and adolescent substance use: A meta-analysis and methodological review.**Addiction, 103, 546–556, 2008.

MARTY, M.E. **Revising the map of American Religion.** American Academy of political and Social Science 558: 13-27, 1998.

MC ANDREW, S. WARNE, T. **Ignoring the evidence dictating the practice: sexualorientation, suicidality and the dichotomy of the mental health nurse.** J of Psychiatry MentalHealth Nursering_ Aug; 11(4): 428-34, 2004.

MC COLL, P. **Homosexuality and mental health services.** British Medical J 308: 550-1, 1994.

MECKLER, G. D.; ELLIOTT, M. N; KANOUSE, D. E.; BEALS, K. P.; SCHUSTER, M. A **Nondisclosure of Sexual Orientation to a Physician among a Sample of Gay, Lesbian, and Bisexual Youth.** Arch Pediatr Adolesc Med 160: 1248-54, 2006.

MEYER, IH. **Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexualpopulations: conceptual issues and research evidence.**Psychology and Bullying. Sep: 129 (5): 674-97, 2003.

-MINAYO, M. C. S. **O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.**São Paulo Hucitec, 2000.

PAUL, J. P et al. **Suicide Attempts Among Gay and Bisexual Men: Lifetime Prevalenceand Antecedents.** American J of Public Health. Aug vol.92,8, 2002.

POTEAT, P. V.; ESPELAGE, D. L. **Predicting Psychosocial Consequences of HomophobicVictimization in Middle School Students,** The J Early Adolescence, 27: 2, 175-91, 2007.

REMAFEDI, G. **Adolescent Homosexuality: Dare we ask the question?** Arch Pediatr Adolesc Med 160: 1303- 4, 2006.

REMAFEDI, G. **Sexual Orientation and Youth Suicide.** JAMA 282: 1291-2, 1999.

REW, L., WHITTAKER, T. A., TAYLOR-SHEHAFFER, M. A., e SMITH, L. R. **Sexual health risks and protective resources among gay, lesbian, bisexual and heterosexual homeless youth.** Journal of Specialists in Pediatric Nursing, 10, 11–19, 2005.

ROUDINESCO, E. **Pyschanalyse et homosexualité: réflexions sur le désir pervers, l'injure et la fonctionpaternelle.** Cliniques Méditerranéennes. Ramonville Saint-Agne: Éditions Ères, 2002a.

RUSSEL S. T., CLARKE, T. J., e CLARY, J. **Are teens “post-gay”?** **Contemporary adolescents' sexual identity labels.** Journal of Youth and Adolescence, 38, 884–890, 2009.

RUSSEL, S. T. **Beyond risk: Resilience in the lives of sexual minority youth.** Journal of Lesbian and Gay Issues in Education, 2, 5–17, 2005.

RUSSELL, S. T.; JOYNER, K. **Adolescent Sexual Orientation and Suicide Risk: Evidence From a National Study-** Am J Public Health 91: 8, 2001.

RUTTER, A. P. e SOUCAR, E. **Youth suicide and sexual orientation-** Adolescence, 37(146): 289-99, 2002.

RYAN, C., HUEBNER, D., DIAZ, R. M., SANCHEZ, J. **Family rejection as a Predictor on Negative HealthOutcomes in White and Latino Lesbian, Gay, and Bisexual Young Adults.** Pediatrics, 123: 1, 346-52, 2009.

SAEWYC, M. E. **Research on Adolescence, Sexual orientation, Health Disparities, Stigma, and Resilience.** J Reasearch on Adolescence 21, 1, 256-72, 2011.

SHITTINI, D. **Blog: Comunicação e Escrita Íntima na Internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SHIVELY, M. e DE CECCO, J. **Components of sexual identity-** J of Homosexuality 3(1): 41-8, 1977.

SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis-RJ Vozes, 2000.

SKEGG, K., NADA-RAJA, S., DICKSON, N., PAUL, C., WILLIAMS, S. **Sexual orientation and self-harm in men and women**. American J of Psychiatry. Mar; 160 (3): 541-6, 2003.

THEBORN, G. **Sexo e Poder: a família no mundo 1900-2000**. São Paulo Contexto, 2006.

TRAVERS, R.; PAOLETTI, D. **The lesbian, gay and bisexual youth program (LGBYP): a model for communities seeking to improve quality of life for lesbian, gay, and bisexual youth-** The Canadian Journal of Human Sexuality 8, 1999.

TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, RJ- Vozes, 2003.

VISS, C. D. e BURN, M. S. **Divergent perceptions of lesbians: a comparison of lesbian self-perceptions and heterosexual perceptions-** J Social Psychology 132(2): 169-77, 1992.

WARNER, J. et al. **Rates and Predictors of Mental Illness in Gay Men, Lesbians and Bisexual Men and Women**. British J of Psychiatry 185, 2004.

WILCOX, M. M. **Coming Out in Christianity Religion, Identity and Community**. Indiana University Press, Bloomington, 2003.

WILCOX, M. M. **When Sheila's a lesbian: religious individualism among lesbian, gay, bisexual and transgender Christians-** Sociology of Religion 63(4): 497-513, 2002.

WILLIAMS, T.; CONNOLLY, J.; PEPLER, D.; CREIG, W. **Peer Victimization, Social Support, and Psychosocial Adjustment of sexual minority Adolescents.** J Youth and Adolescence, 34:5, 2004.

WILSON, I. **The Emerging Gay Adolescent.** Clinical Child Psychology and Psychiatry, 4: 4, 551-65, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1:

Sequência de questionários semi-abertos desenvolvidos especificamente para a pesquisa

Inventário de dados Sócio-demográficos

Nome: _____

Gênero:

M F

Idade: _____

Naturalidade: _____

Estado civil

casado separado divorciado viúvo

solteiro: Vive só e não tem parceiro fixo.

Vive só e tem parceiro fixo.

Vive com parceiro há _____ anos meses.

Possui filhos? Se sim, quantos e com quem vivem?

Educação Escolar: _____

Formação Profissional: _____

Ocupação Profissional: _____

Renda mensal: _____

Raça:

branca parda negra outra, qual? _____

Você já se sentiu discriminado(tratado diferentemente, com desprezo, algum tipo de humilhação ou rebaixamento) por ser identificado como _____(raça)?

Em relação à sua raça (cor de pele, grupo étnico) você, de modo geral, sente-se:

orgulhoso

envergonhado

indiferente

Comente: _____

Em relação à sua profissão (ser: _____) você sente-se:

orgulhoso

envergonhado

indiferente

Comente: _____

Inventário de Religiosidade para SOHomA.

Você tem religião?

- Sim Qual? _____
 Não

Que igreja frequenta?

Você acredita em Deus?

- Sim, acredito muito e vivo sua presença.
 Sim, acredito.
 Sim, mas às vezes tenho dúvidas.
 Não.

Se acredita, o que é Deus para você?

Com que frequência vai à igreja, missas, cultos?

- Nunca vou.
 Vou de 1 até 3 vezes por ano.
 Vou de 4 até 10 vezes por ano.
 Vou pelo menos 1 vez por mês.
 Vou várias vezes no mês. Quantas? _____

Você ora ou reza?

- Nunca.
 Sim, às vezes.
 Pelo menos uma vez por semana.
 Todos os dias, ou quase todos os dias.
 Mais de uma vez por dia.

Por quê?

Você conta com a ajuda de pessoas de sua religião quando tem problemas ou dificuldades?

- Nunca.
 Sim, às vezes.
 Frequentemente.
 Sempre, com muita ajuda.

Você consulta a Deus ou autoridades religiosas, quando tem algo difícil para decidir em sua vida?

- Nunca.
 Sim, às vezes.
 Frequentemente.
 Sempre e obtenho muita ajuda.

Você ocupa algum cargo ou função na sua igreja ou denominação religiosa? Se sim, qual?

Como você se sente ao definir-se como membro de sua denominação religiosa?(por ex. evangélico; católico; espírita; budista; etc...)

Você lê livros religiosos, revistas, folhetos, etc? Se sim, quais e com que frequência?

Você já se sentiu discriminado (tratado diferentemente, com desprezo, algum tipo de humilhação ou rebaixamento) por ser identificado como _____ (denominação religiosa)? Descreva:

As pessoas de seu grupo religioso sabem de sua orientação? Comente:

Você, por conta de sua orientação sexual, já se sentiu discriminado (tratado diferentemente, algum tipo de humilhação, rebaixamento) no seu grupo religioso? Descreva:

Como você vê sua orientação em relação aos conceitos religiosos (textos sagrados, bíblia, livros religiosos, tradições)?

Como se sente em relação a Deus e ao mundo espiritual?

Inventário de Religiosidade para SOHetA

Você tem religião?

Sim Qual? _____

Não

Que igreja frequenta?

Você acredita em Deus?

- Sim, acredito muito e vivo sua presença.
- Sim, acredito.
- Sim, mas às vezes tenho dúvidas.

Se acredita, o que é Deus para você?

Com que frequência vai à igreja, missas, cultos?

- Nunca vou.
- Vou de 1 até 3 vezes por ano.
- Vou de 4 até 10 vezes por ano.
- Vou pelo menos 1 vez por mês.
- Vou várias vezes no mês.

Você ora ou reza?

- Nunca.
- Sim, às vezes.
- Frequentemente.
- Muito frequentemente.

Por quê?

Você conta com ajuda de pessoas de sua religião quando tem problemas ou dificuldades?

- Nunca.
- Sim, às vezes.
- Frequentemente.
- Sempre, com muita ajuda.

Você consulta a Deus ou autoridades religiosas, quando tem algo difícil para decidir em sua vida?

- Nunca.
- Sim, às vezes.
- Frequentemente.
- Sempre e obtenho muita ajuda.

Como você se sente ao definir-se como membro de sua denominação religiosa?(por ex. evangélico; católico; espírita; budista; etc...)

Você já se sentiu discriminado(tratado diferentemente, com desprezo, algum tipo de humilhação ou rebaixamento) por ser identificado como _____(denominação religiosa)?

Inventário de Identidade Psicossocial (apenas para os SOHomA)

Em relação à sua orientação sexual, como você se identifica?

Desde que idade você se percebe tendo esta orientação? Comente:

Em que medida você sente que a orientação sexual caracteriza uma pessoa? Comente:

Em relação a ser homem/mulher (ter um corpo feminino/masculino, usar roupas, ter determinados hábitos, profissão, etc) como você se sente?

Perguntas sobre orgulho e vergonha:

Você sente ou já sentiu orgulho por ter a sua orientação? Descreva:

- Não.
- Sim, um pouco.
- Sim, muito.

Descreva:

Você sente ou já sentiu vergonha por ter sua orientação? Descreva:

- Não.
- Sim, um pouco.
- Sim, muito.

Descreva:

Você se sente um indivíduo melhor ou pior por conta de sua orientação?

Você já se sentiu discriminado (tratado diferentemente, algum tipo de humilhação, desprezo ou rebaixamento) por conta de sua orientação? Comente:

O quanto que você acha que sua orientação está de acordo com as expectativas dos outros (familiares, amigos, colegas de trabalho)? Comente:

As expectativas dos outros (familiares, amigos, colegas de trabalho) são capazes de influenciar sua orientação? Comente:

De acordo com sua opinião, o que faz com que uma pessoa tenha uma orientação homossexual?

Como você se relaciona com indivíduos de orientação diferente da sua? Por quê?

Você pensa existir uma orientação correta? Comente:

Anexo 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP **Faculdade de Ciências Médicas**

A presente pesquisa: “Homossexualidade na Adolescência: Saúde Mental, Qualidade de Vida, Religiosidade e Identidade Psicossocial”, de autoria da psicóloga Daniela Barbeta Ghorayeb pesquisadora responsável realizadora das entrevistas de coleta de dados), sob a orientação do Professor Doutor Paulo Dalgalarondo, justifica-se por serem raros os estudos brasileiros sobre orientação sexual , adolescência e saúde mental. Estudos desse tipo devem ser desenvolvidos, pois podem diminuir preconceitos e estereótipos para que homossexuais sejam abordados de modo mais respeitoso e sensível quando tratados por profissionais de saúde mental. Os objetivos do estudo focam a identificação da prevalência de transtornos mentais e a qualidade de vida em sujeitos de orientação homossexual adolescentes em comparação com as de sujeitos de orientação heterossexual adolescentes, de mesma faixa etária, gênero e nível educacional, a avaliação da religiosidade em cada grupo e em comparação entre eles, a avaliação de aspectos da identidade psicossocial de sujeitos de orientação homossexual adolescentes e a avaliação das relações entre qualidade de vida, prevalência de transtornos mentais, religiosidade e identidade psicossocial a partir dos mesmos sujeitos. Esta entrevista individual será o modo para obter as informações, isto é, os dados da pesquisa. Para isso será utilizado um questionário sócio-demográfico, seguido de outro sobre qualidade de vida, passando a um questionário sobre religiosidade, posteriormente às questões sobre saúde mental e finalmente será aplicado o questionário sobre identidade psicossocial. (este último instrumento só será utilizado para os sujeitos de orientação homossexual). A partir da compreensão das informações anteriormente apresentadas, eu

___ declaro estar de acordo em participar desta pesquisa como sujeito do estudo. Isto, por me ter sido garantidos o total anonimato, sigilo, confidencialidade e respeito pelas informações cedidas durante todo o processo de pesquisa e posteriores divulgações do trabalho no meio acadêmico e em possíveis publicações. Obtive também a garantia de que os responsáveis por esta pesquisa estarão prontos para esclarecimentos acerca do trabalho, assim como do direito de, a qualquer momento, retirar meu consentimento, sem que por isso sofra quaisquer danos.

Estou ciente de que minha participação é voluntária, não obtendo benefício financeiro ou de outra ordem.

Ass. do sujeito da pesquisa

Data: ___/___/___

(somente para o responsável pela pesquisa)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito para sua participação neste estudo.

Ass. do responsável pela pesquisa Data: ___/___/___

Fones contato com a pesquisadora: (19 21211989) (19 35219295)